

**INSTITUTO UNIVERSITÁRIO MILITAR  
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS  
CURSO DE PROMOÇÃO A OFICIAL GENERAL  
2020/2021**



**TII**

**O FUTURO DA NATO: 2020-2030**

**O TEXTO CORRESPONDE A TRABALHO FEITO DURANTE A FREQUÊNCIA DO CURSO NO IUM SENDO DA RESPONSABILIDADE DO SEU AUTOR, NÃO CONSTITUINDO ASSIM DOUTRINA OFICIAL DAS FORÇAS ARMADAS PORTUGUESAS OU DA GUARDA NACIONAL REPUBLICANA.**

**Coronel de Engenharia, Leonel José Mendes Martins**



**INSTITUTO UNIVERSITÁRIO MILITAR  
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS**

**O FUTURO DA NATO: 2020-2030**

**Coronel de Engenharia, Leonel José Mendes Martins**

Trabalho de Investigação Individual do CPOG 2020/2021

Este Trabalho de Investigação Individual é apresentado em formato de artigo científico, conforme NEP/INV – 003 (A3) IUM SET 2020

Pedrouços 2021



**INSTITUTO UNIVERSITÁRIO MILITAR  
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS**

**O FUTURO DA NATO: 2020-2030**

**Coronel de Engenharia, Leonel José Mendes Martins**

Trabalho de Investigação Individual CPOG 2020/2021

Orientador: Brigadeiro-General, Sérgio Augusto Valente Marques

Pedrouços 2021



### **Declaração de compromisso Antiplágio**

Eu, Leonel José Mendes Martins, declaro por minha honra que o documento intitulado “O Futuro da NATO: 2020-2030”, corresponde ao resultado da investigação por mim desenvolvida enquanto auditor do Curso de Promoção a Oficial General 2020-2021 no Instituto Universitário Militar, e que é um trabalho original, em que todos os contributos estão corretamente identificados em citações e nas respetivas referências bibliográficas.

Tenho consciência de que a utilização de elementos alheios não identificados constitui grave falta ética, moral, legal e disciplinar.

Pedrouços, 6 de julho de 2021

Leonel José Mendes Martins



## Agradecimentos

A investigação não é um trabalho solitário em que o investigador trilha o seu caminho sem o partilhar. Consultei diversos documentos, artigos, revistas e livros para a realização deste trabalho, mas estaria a incorrer em falta se não mencionasse aqueles que partilharam as suas ideias, o seu conhecimento e a sua camaradagem comigo e que muito contribuíram para a realização deste trabalho de investigação, e para quem vão os meus agradecimentos.

Ao Brigadeiro-General Valente Marques, meu orientador, pelo rigor e apurado escrutínio que colocou na realização deste trabalho, bem como o incentivo para seguir no rumo certo. Aos docentes de Metodologia de Investigação Científica, permitindo-me destacar o Tenente-Coronel Silva Costa pela pronta resposta às minhas solicitações, aos seus esclarecimentos muito pertinentes e aos seus comentários que melhoraram significativamente o trabalho desenvolvido.

Ao General Valença Pinto, ao Tenente-General Fontes Ramos, ao Major-General Martins Branco, ao Brigadeiro-General Lemos Pires, ao Tenente-Coronel Proença Garcia e ao Tenente-Coronel Alexandre Carriço, pela atenção disponibilizada nas entrevistas realizadas, não esquecendo o enorme conhecimento que me foi transmitido e os excelentes momentos de reflexão. Ao Embaixador Mira Gomes, ao Professor Marques Guedes, ao Doutor Nuno Rogeiro e ao Doutor James McKay pela partilha das suas experiências, do seu conhecimento e do seu pensamento.

Ao Coronel Sérgio Estrela pela sua camaradagem e persistência, sem a qual não seria possível ter o contributo dos militares do *NATO Allied Command Transformation*. Ao Coronel Natalino Pereira pela resposta pronta facilitando o contacto com o Embaixador Mira Gomes.

Ao Diretor do Curso, Comodoro Ramalho Marreiros, pela disponibilidade, conselho e apoio, estendendo os agradecimentos aos meus camaradas do curso por aquilo que foi possível partilhar, neste momento difícil da pandemia que vivemos e que nos priva de maior convívio.

Ao Coronel Correia Neves pela revisão dos meus textos, partilha de pontos de vista e sugestões que muito me ajudaram na investigação. A sua camaradagem foi inextinguível.

Guardo as últimas palavras para a minha mulher Manuela e o meu filho Francisco, agradecendo o seu apoio incondicional e esperando que me perdoem o tempo que não lhes dediquei.



## Índice

1. Introdução .....	1
2. Enquadramento teórico e concetual .....	3
2.1. Defesa do espaço Euro-Atlântico .....	3
2.2. Alargamento da NATO.....	4
2.3. Modelo de análise .....	5
3. Metodologia e método .....	6
3.1. Metodologia .....	6
3.2. Método .....	6
3.2.1. Participantes e procedimentos .....	7
3.2.2. Instrumentos de recolha de dados .....	7
3.2.3. Técnicas de tratamento de dados.....	7
4. Análise e apresentação de resultados .....	10
4.1. Evolução do laço transatlântico .....	10
4.1.1. Análise documental .....	10
4.1.1.1. Rússia e China.....	10
4.1.1.2. O Sul.....	16
4.1.1.3. Europa .....	18
4.1.2. Análise das entrevistas .....	20
4.1.3. Síntese conclusiva e resposta à QD1 .....	22
4.2. As Possibilidades de expansão da NATO .....	23
4.2.1. Análise documental .....	24
4.2.1.1. Norte e Este .....	24
4.2.1.2. Sul.....	26
4.2.1.3. Indo-Pacífico e Ásia .....	26
4.2.2. Análise das entrevistas .....	28
4.2.3. Síntese conclusiva e resposta à QD2.....	29
4.3. Contributos para a transformação da NATO e resposta à QC.....	30
5. Conclusões .....	33
Referências Bibliográficas.....	37

## Índice de Apêndices

Apêndice A - Corpo de conceitos.....	Apd A-1
--------------------------------------	---------



Apêndice B - Lista de entrevistados e guião da entrevista.....	Apd B-1
Apêndice C – Elaboração dos cenários.....	Apd C-1
Apêndice D – Dados militares.....	Apd D-1
Apêndice E – Análise das entrevistas.....	Apd E-1
Apêndice F – Cronologia da NATO.....	Apd F-1

### **Índice de Figuras**

Figura 1 – Membros da NATO e ano de adesão .....	3
Figura 2 – Esquema da investigação .....	6
Figura 3 – Quatro cenários do futuro da NATO.....	8
Figura 4 – Fluxograma inicial de verificação dos cenários futuros da NATO.....	8
Figura 5 – A2AD da Rússia.....	11
Figura 6 – O Ártico.....	12
Figura 7 – Gasodutos na Europa .....	14
Figura 8 – Membros da Organização de Cooperação de Xangai .....	14
Figura 9 – A <i>Belt and Road Initiative</i> da China .....	15
Figura 10 – Movimentos migratórios em África (milhares), referido a 2013 .....	16
Figura 11 – Zonas de tensão no Mediterrâneo .....	17
Figura 12 – O investimento na defesa dos Aliados .....	18
Figura 13 – Membros da NATO e da União Europeia.....	24
Figura 14 – Marinhas: EUA versus China .....	27
Figura 15 – As linhas de defesa marítimas da China .....	28
Figura 16 – Fluxograma dos contributos para a transformação .....	32
Figura 17 – Panorâmica do Processo TAIDA.....	Apd C-1
Figura 18 – Quatro cenários do futuro da NATO.....	Apd C-2

### **Índice de Tabelas**

Tabela 1 –Objetivos Específicos e Questão Central.....	2
Tabela 2 – Detalhe dos cenários futuros.....	8
Tabela 3 – Presença Avançada .....	10
Tabela 4 – Estimativa dos Aliados europeus para a NRI .....	11
Tabela 5 – Arsenais nucleares .....	13
Tabela 6 – Eletivo militar presente no Chipre .....	17



Tabela 7 – Tipos diferentes de CC e aviões .....	20
Tabela 8 – Membros da NATO do programa F-35 .....	20
Tabela 9 – Bússola Estratégica e NATO .....	24
Tabela 10 – Maiores contributos para Operações da NATO.....	25
Tabela 11 – Efetivo militar na Operação <i>Barkhane</i> .....	26
Tabela 12 – Maiores gastos em defesa em 2020 (milhares de milhões de dólares) .....	27
Tabela 13 – Lista de entrevistados.....	Apd B-1
Tabela 14 – Desafios da NATO 2030.....	Apd C-2

### **Índice de Quadros**

Quadro 1 – Modelo de análise.....	5
Quadro 2 – Infraestruturas e meios de apoio no Ártico.....	13
Quadro 3 – Taxa de participação em operações (Efetivo em milhares).....	25
Quadro 4 – Projeções de PIB (Milhares de milhões de dólares).....	26
Quadro 5 – Dados dos países da NATO e UE (1/2).....	Apd D-1
Quadro 6 – Dados dos países da NATO e UE (2/2).....	Apd D-2
Quadro 7 – Unidade de contexto.....	Apd E-1
Quadro 8 – Unidade de registo.....	Apd E-7

### **Índice de Gráficos**

Gráfico 1 – O investimento na defesa dos países da NATO .....	19
Gráfico 2 – Evolução ao longo dos anos <i>versus</i> número de membros .....	23



## **Resumo**

A *North Atlantic Treaty Organization* (NATO) é uma aliança com 72 anos de existência que foi fundada para o período da Guerra Fria e sobreviveu no fim daquele período. A NATO teve de se adaptar e transformar para responder aos novos desafios que foram e vão surgindo. A presente investigação contribui para a transformação da Aliança para o horizonte de 2030.

Para definir o guia orientador da pesquisa, determinou-se que o objetivo geral era formular contributos para a transformação da NATO no período de 2020-2030, olhando para o laço transatlântico e para as possibilidades de expansão da Aliança. A NATO começou com 12 nações e hoje é constituída por 30 membros.

A base de partida para a investigação assentou em estudos sobre o futuro da NATO, produzidos pela Aliança e por *think tanks*, e no Relatório *NATO 2030: United for a New Era*. A pesquisa trabalhou dois conceitos, a defesa do espaço Euro-Atlântico e o Alargamento da Aliança na perspetiva da defesa daquele espaço. Concluiu-se com contributos nas dimensões política e estratégica para a transformação da NATO, sistematizados num fluxograma de decisão com projeção de cenários futuros da Aliança no horizonte 2030.

## **Palavras-chave**

Transformação da NATO, Defesa do Espaço Euro-Atlântico, Alargamento da NATO, Cenários de Futuro.



**Abstract**

*The North Atlantic Treaty Organization (NATO) is a 72-year-old alliance that was founded for the Cold War period and survived at the end of that period. NATO has had to adapt and transform to respond to the new challenges that have been and are emerging. This research contributes to the transformation of the Alliance to the 2030 horizon.*

*To define the research guide, it was determined that the overall objective was to make contributions to NATO's transformation in the period 2020-2030, looking at the transatlantic tie and the Alliance's expansion possibilities. NATO began with 12 nations and today consists of 30 members.*

*The starting basis for research was based on studies on the future of NATO, produced by the Alliance and think tanks, and the NATO Report 2030: United for a New Era. The research is based on two concepts, the defence of the Euro-Atlantic area and the enlargement of the Alliance in the perspective of the Euro-Atlantic area. It was concluded with contributions in the political and strategic dimensions for the transformation of NATO, systematized in a decision flowchart with projection of Alliance's future scenarios for the 2030 horizon.*

**Key words**

*NATO Transformation, Defense of Euro-Atlantic Area, NATO Enlargement, Future Scenarios.*



### **Lista de abreviaturas, siglas e acrónimos**

A2AD	<i>Anti-access/area denial</i>
ACT	<i>Allied Command Transformation</i>
ALB	Albânia
Apd	Apêndice
ASEAN	<i>Association of Southeast Asian Nations</i>
BEL	Bélgica
BGR	Bulgária
BRI	<i>Belt and Road Initiative</i>
CAN	Canadá
CDP	<i>Capability Development Planning</i>
CENTO	<i>Central Treaty Organization</i>
CFE	<i>Treaty on Conventional Armed Forces in Europe</i>
CRS	<i>Congressional Research Services</i>
CZE	República Checa
DC	Defesa Coletiva
DEU	Alemanha
DNK	Dinamarca
EDT	<i>Emerging and Disruptive Technologies</i>
eFP	<i>enhanced Forward Presence</i>
ESP	Espanha
EST	Estónia
EUA	Estados Unidos da América
FRA	França
GBR	Reino Unido
GRC	Grécia
HRV	Croácia
HUN	Hungria
ICI	<i>Istanbul Cooperation Initiative</i>
IFOR	<i>Implementation Force</i>
IISS	<i>The International Institute for Strategic Studies</i>
INF	<i>Intermediate-Range Nuclear Forces Treaty</i>
ISL	Islândia



ITA	Itália
IUM	Instituto Universitário Militar
LTU	Lituânia
LUX	Luxemburgo
LVA	Letónia
MAP	<i>Membership Action Plan</i>
MD	<i>Mediterranean Dialogue</i>
MNE	Montenegro
NATO	<i>North Atlantic Treaty Organization</i>
NDL	Holanda
NDPP	<i>NATO Defence Planning Process</i>
NMK	Macedónia do Norte
NOR	Noruega
NRC	<i>NATO-Russia Council</i>
NRI	<i>NATO Readiness Initiative</i>
NTI	<i>Nuclear Threat Initiative</i>
NU	Nações Unidas
OCX	Organização de Cooperação de Xangai
OE	Objetivo Específico
OG	Objetivo Geral
ONU	Organização das Nações Unidas
OTAN	Organização do Tratado do Atlântico Norte
PatG	<i>Partners across the Globe</i>
PfP	<i>Partnership for Peace</i>
PIB	Produto Interno Bruto
POL	Polónia
PRT	Portugal
QC	Questão Central
QD	Questão Derivada
RAP	<i>Readiness Action Plan</i>
ROU	Roménia
RU	Reino Unido
SEATO	<i>Southeast Asia Treaty Organization</i>



SIPRI	<i>Stockholm International Peace Research Institute</i>
SLK	Eslováquia
SLV	Eslovénia
START	<i>Strategic Arms Reduction Treaty</i>
TAIDA	<i>Tracking, Analysing, Imaging, Deciding, Acting</i>
TII	Trabalho de Investigação Individual
TUR	Turquia
UA	União Africana
UE	União Europeia
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
USA	Estados Unidos da América
VTC	<i>Video Conferencing Capability</i>

**Lista de símbolos**

\$	Dólar norte-americano
k	Milhar
M	Milhão



## 1. Introdução

*“...the Alliance is a dynamic and vigorous organisation which is constantly adapting itself to changing conditions.”*

*The Harmel Report, The Future Tasks of the Alliance*, dezembro 1967 (NATO, 2009)

A *North Atlantic Treaty Organization* (NATO)<sup>1</sup> é uma Aliança de 30 países da América do Norte e da Europa empenhados em cumprir os objetivos do Tratado do Atlântico Norte assinado em Washington em 4 de abril de 1949 (NATO, 2006, p. 15). Como plasmado no preâmbulo do Tratado (NATO, 2001, p. 31), o objetivo dos Aliados é “promover as relações pacíficas e amigáveis na área do Atlântico Norte”.

Olhar o futuro tem sido uma constante na NATO e já vem de décadas atrás, como é o caso do Relatório Harmel, de 1967, referindo problemas que serão sempre de grande importância para a Aliança, como sejam: (i) desenvolvimentos nas fronteiras do perímetro defensivo da NATO que podem afetar diretamente a segurança da área, ou conflitos noutros locais que possam escalar e provocar o confronto entre grandes potências; (ii) os desenvolvimentos nucleares que podem afetar o equilíbrio nuclear mundial; (iii) e a China (NATO, 2009).

O tema - *O Futuro da NATO: 2020-2030* - permite refletir sobre a forma como a NATO se vai adaptar aos desafios e ameaças que testam a coesão da Aliança.

Este Trabalho de Investigação Individual (TII), tem como objeto a transformação da NATO no período 2020-2030 e está delimitado em três domínios: tempo, espaço e conteúdo (Santos & Lima, 2019, p. 42). O domínio temporal compreende a atualidade com estudos prospetivos para a próxima década, havendo, pontualmente, referências a situações semelhantes do passado que ajudam à compreensão do fenómeno em estudo. Consideram-se os documentos de análise da NATO e programas de governo, caso dos Estados Unidos da América (EUA), até março de 2021, inclusive. O domínio espaço foca-se essencialmente na área Euro-Atlântica, havendo breves referências a situações noutros pontos do mundo, suscetíveis de influenciarem os acontecimentos naquele espaço. Em termos de conteúdo, inicia-se a investigação observando a NATO e a forma como reage a determinadas tendências e desafios, implicando eventuais transformações na defesa do espaço Euro-Atlântico e no alargamento da Aliança, e projetando cenários futuros.

---

<sup>1</sup> Ao longo deste trabalho será empregue a sigla inglesa NATO, mais comumente usada, em vez da sigla portuguesa OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte).



**Formular contributos para a transformação da NATO no período de 2020-2030, na perspetiva da defesa do espaço Euro-Atlântico e do alargamento da Aliança**, traduz o Objetivo Geral (OG) deste TII. Neste sentido, definem-se dois Objetivos Específicos (OE) e uma Questão Central (QC) (Tabela 1).

**Tabela 1 –Objetivos Específicos e Questão Central**

---

OE1 - Analisar as possibilidades de evolução do laço transatlântico dos EUA com a Europa e no âmbito da NATO, para a defesa do espaço Euro-Atlântico;

OE2 - Analisar as possibilidades de expansão da NATO no interior e para fora do espaço Euro-Atlântico, alargando à cooperação com outros países do Mundo e as suas implicações.

---

QC - Quais os contributos para a transformação da NATO na perspetiva da defesa do espaço Euro-Atlântico e do alargamento da Aliança, no período 2020-2030?

---

Em termos de organização do estudo, o primeiro capítulo introduz e enquadra o tema. No segundo e terceiro capítulos explanam-se o enquadramento concetual, a metodologia e o método utilizado. No quarto capítulo analisam-se os resultados e apresentam-se as respostas às questões derivadas (QD) e à QC. No último capítulo, destinado às conclusões, tendo por base os OE e o OG, apresenta-se a avaliação dos resultados obtidos, bem como eventuais limitações e recomendações de ordem prática para estudos futuros nesta área de investigação.



## 2. Enquadramento teórico e concetual

O objetivo essencial da NATO, estabelecido no Tratado de Washington, é salvaguardar a liberdade e a segurança de todos os seus membros por meios políticos e militares, em que as suas tarefas fundamentais de segurança são descritas no Conceito Estratégico da Aliança (NATO, 2006, p. 18).

### 2.1. Defesa do espaço Euro-Atlântico

A grande responsabilidade da Aliança é proteger e defender o seu território e as suas populações contra um ataque, como preconizado no Artigo 5.º do Tratado de Washington (NATO, 2012, p. 14).

A defesa continua a ser a maior responsabilidade da Aliança e é o elemento central da estratégia global da NATO – prevenir o conflito e a guerra, proteger os Aliados, manter a liberdade de decisão e de ação, assim como, defender os princípios e valores conforme os seus estatutos (liberdade individual, democracia, direitos humanos e Estado de Direito), garantindo a liberdade de movimentos e a flexibilidade para responder a todo o espectro de desafios com uma abordagem adequada e adaptada ao nível mínimo de força (NATO, 2020e).

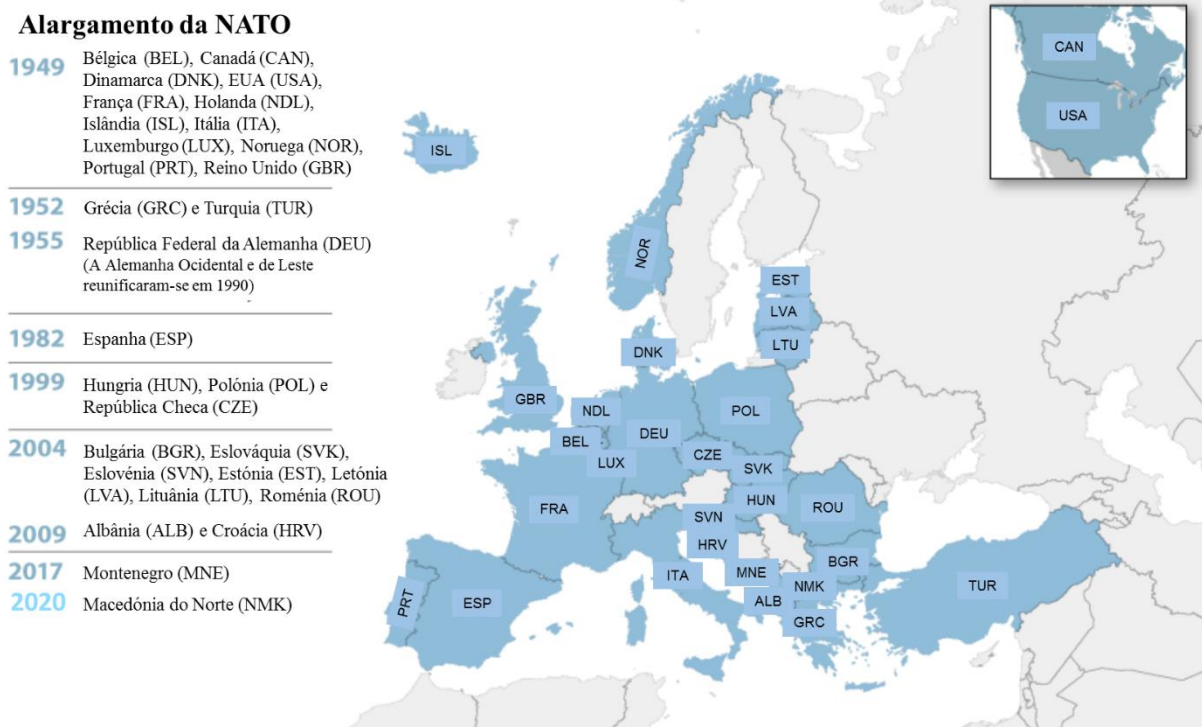


Figura 1 – Membros da NATO e ano de adesão  
Fonte: Adaptado de Belkin (2019, p. 4).



## 2.2. Alargamento da NATO

As disposições relativas ao alargamento da NATO constam do Artigo 10.º do Tratado do Atlântico Norte, comumente designada como a política de portas abertas no que respeita à adesão de novos países, havendo o compromisso de partilharem os valores da Aliança, que são a vontade e a capacidade de assumirem as responsabilidades e as obrigações de membro, contribuindo para a segurança e estabilidade comuns (NATO, 2006, p. 183).

Em 1999 foi criado o *Membership Action Plan* (MAP) para apoiar os países candidatos na sua preparação à adesão à Aliança (NATO, 2012, pp. 25-26).

Na Cimeira de Varsóvia, em 2016, os Aliados acordaram dar um maior contributo para os esforços da comunidade internacional, na projeção com vista à estabilidade e reforço da segurança fora do território da NATO (NATO, 2020h), deixando espaço à adesão e às parcerias.

A transformação na NATO tem sido uma constante e trata-se de ganhar e manter uma vantagem competitiva, num processo que envolve colmatar lacunas e, em particular, aquelas que o ambiente em mutação ameaça criar no futuro, requerendo uma abordagem equilibrada do planeamento a médio e longo prazo (NATO, 2015c, p. 2). Para Ivanov (2011, p. 34), a transformação da NATO significa novos aliados, missões e capacidades em que o primeiro pilar contribui para o alargamento e os dois últimos para a defesa.

Atualmente e conforme o Conceito Estratégico de 2010, a NATO define o ambiente de segurança em que a ameaça de um ataque convencional contra o território da NATO é baixa, mas a proliferação de mísseis balísticos e armas nucleares, o terrorismo, a instabilidade ou conflito além das fronteiras da NATO, os ciberataques às estruturas governamentais, o desenvolvimento de armas laser, guerra eletrónica e tecnologias que impedem o acesso ao Espaço, os riscos na saúde, as alterações climáticas, a escassez da água e as necessidades crescentes de energia, podem, potencialmente, afetar significativamente o planeamento e as operações da Aliança (NATO, 2012, pp. 10-13).

Em dezembro de 2020, foi divulgado o Relatório NATO 2030, que apresenta como principais desafios para a próxima década os seguintes: a Rússia; a China; as tecnologias emergentes e disruptivas; o terrorismo; a instabilidade a sul da fronteira da Aliança; o controlo de armamentos e dissuasão nuclear; a segurança energética; o clima; as ameaças híbridas e cibernéticas e o Espaço (NATO, 2020f, pp. 12-15). O Relatório evidencia, ainda, a política de consulta entre parceiros, com destaque para o Norte e Sul das fronteiras do



espaço europeu da Aliança e para as parcerias Asiáticas e do Indo-Pacífico (NATO, 2020f, pp. 57-61).

O Secretário Geral da NATO estabeleceu três objetivos para a NATO 2030: (i) manter-se uma Aliança militar forte, que também significa promover a resiliência das infraestruturas físicas e digitais da Aliança, bem como da sua indústria, meios e tecnologias críticas; (ii) fazer a NATO mais forte politicamente, assegurando que a Aliança continua a ser o fórum para a consulta e coordenação transatlântica em todos os assuntos que afetam a segurança comum dos Aliados; (iii) e garantir que a NATO adota uma abordagem mais global porque, para a segurança dos seus cerca de mil milhões de cidadãos, a Aliança precisa de compreender e responder aos desafios globais e ter uma verdadeira rede de segurança global (Stoltenberg, 2021, pp. 10-11).

### 2.3. Modelo de análise

O Modelo de análise é desenvolvido conforme o Quadro 1:

Quadro 1 – Modelo de análise

<b>OG: Formular contributos para a transformação da NATO no período de 2020-2030, na perspetiva da defesa do espaço Euro-Atlântico e do alargamento da Aliança.</b>					
<b>QC: Quais os contributos para a transformação da NATO na perspetiva da defesa do espaço Euro-Atlântico e do alargamento da Aliança, no período 2020-2030?</b>					
<b>Objetivo Específico</b>	<b>Questão Derivada</b>	<b>Conceito Estruturante</b>	<b>Dimensões</b>	<b>Indicadores</b>	<b>Técnicas de recolha de dados</b>
OE1: Analisar as possibilidades de evolução do laço transatlântico dos EUA com a Europa e no âmbito da NATO, para a defesa do espaço Euro-Atlântico.	QD1: Como poderá evoluir o laço transatlântico para garantir a defesa do espaço Euro-Atlântico?	Defesa do Espaço Euro-Atlântico	Política	Acordos	Análise documental e entrevistas
				Parcerias	
			Estratégica	Operacional	
				Genética	
OE2: Analisar as possibilidades de expansão da NATO no interior e para fora do espaço Euro-Atlântico, alargando à cooperação com outros países do Mundo e as suas implicações.	QD2: Quais as implicações para a NATO devido à sua expansão no interior e para fora do espaço Euro-Atlântico?	Alargamento da NATO	Política	Acordos	
				Parcerias	
			Estratégica	Operacional	
				Genética	
			Estrutural		

Fonte: Adaptado de Santos e Lima (2019, p. 96).



### 3. Metodologia e método

#### 3.1. Metodologia

O método científico está sustentado num processo de raciocínio indutivo. No desenvolvimento da investigação opta-se por uma estratégia qualitativa. Relativamente ao desenho de pesquisa utiliza-se o Estudo de Caso que, assentando em múltiplas fontes de evidência qualitativas e quantitativas enquadradas por uma lógica de construção de conhecimento, permite estabelecer uma base de aplicação de soluções para responder à QC (Santos & Lima, 2019, pp. 22-37).

A investigação inicia-se por um processo de revisão da literatura, assente nos documentos oficiais da NATO e no seu confronto com publicações, artigos de opinião de especialistas e artigos científicos. O levantamento do “Estado da Arte” permite, para além do aprofundar a compreensão da situação em estudo, alimentar a elaboração de quatro cenários de futuro, tendo em vista analisar as implicações para a NATO. Numa 2ª Fase, a recolha de dados, através de entrevistas e análise documental, permite identificar as respostas às QD e QC, entender os cenários possíveis e elaborar as conclusões na forma de contributos para a transformação da NATO 2030. Apresenta-se o esquema da investigação na figura seguinte:

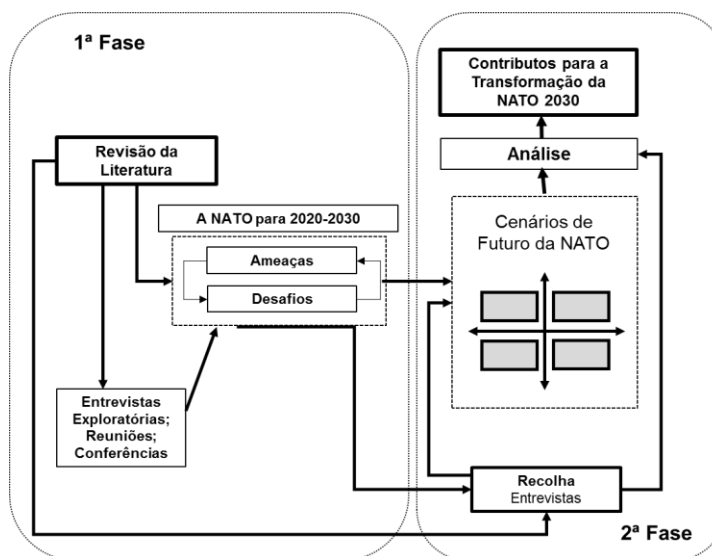


Figura 2 – Esquema da investigação

#### 3.2. Método

Neste subcapítulo apresentam-se os participantes, o procedimento, os instrumentos de recolha de dados e as técnicas de tratamento de dados.



### 3.2.1. Participantes e procedimentos

Para as respostas às QD1 e QD2 foi endereçado convite à rede de Institutos da Sociedade Internacional de Ciências Militares, a entidades que tivessem desempenhado funções em Quartel-General da NATO e outras entidades dedicadas à investigação sobre a NATO e assuntos de segurança e defesa. Foram entrevistadas 11 entidades, quantitativo enquadrado, inclusive por “excesso”, na dimensão da amostra (6-10) de “informantes com alguma excecionalidade” (Rego, Cunha, & Meyer, 2019, p. 53). A lista de entrevistados e guião da entrevista pode ser conferido no Apêndice B.

### 3.2.2. Instrumentos de recolha de dados

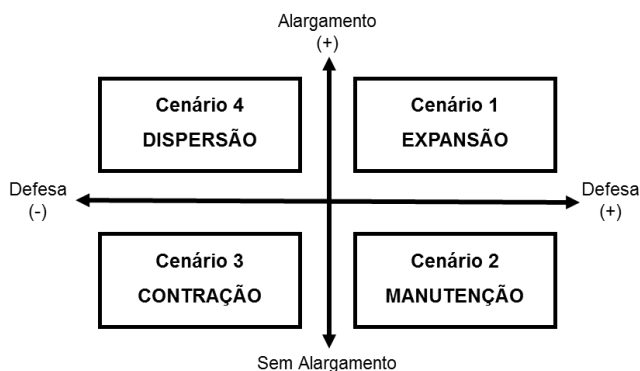
Recorreu-se à análise documental que, segundo Gonçalves *et al.* (2021, p. 105) é uma forma complementar para obtenção da informação necessária no processo de investigação.

Foi elaborado um guião de entrevista para numa primeira parte responder à QD1 e tratar da evolução do laço transatlântico e uma segunda parte, para responder à QD2 acerca das possibilidades de alargamento da Aliança, e no final uma questão de resposta transversal às duas QD (cf. Apêndice B).

### 3.2.3. Técnicas de tratamento de dados

Na análise das entrevistas (cf. Apêndice E) utilizaram-se técnicas de análise descritiva, recorrendo a matrizes de análise temática e análise temática tradicional (Santos & Lima, 2019, pp. 123-125) e análise de conteúdo das entrevistas segundo Sarmento (2013, pp. 53-66), em que se enfatizam os resultados superiores ou iguais a 80% (unidade de registo verificada) e se evidenciam os superiores ou iguais a 50% (parcialmente verificada).

Para a verificação dos cenários, considera-se a Defesa dos membros da Aliança e o Alargamento da Aliança como duas incertezas no futuro, segundo o modelo de Lindgren e Bandhold (2009, p. 72) com quatro cenários de futuros possíveis para a NATO. A figura seguinte apresenta estes cenários, conforme o Apêndice C:



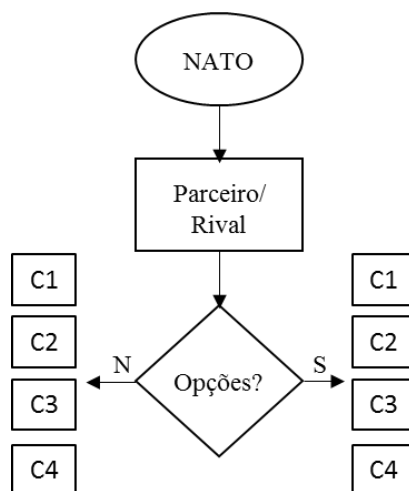
**Figura 3 – Quatro cenários do futuro da NATO**  
 Fonte: Adaptado de Lindgren e Bandhold (2009, pp. 71-73).

A Tabela 2 apresenta a descrição dos cenários:

**Tabela 2 – Detalhe dos cenários futuros**

Cenário	Descrição
1. Expansão (C1)	A NATO assume uma postura mais global e estende-se para o espaço da Ásia e Indo-Pacífico por meio de acordos e parcerias que permitem equilibrar a expansão da China. Os alargamentos na Europa são considerados.
2. Manutenção (C2)	A NATO mantém-se uma Aliança regional para a defesa do espaço Euro-Atlântico, com empenhamento dos EUA no reforço do laço transatlântico.
3. Contração (C3)	Existe um menor empenhamento dos EUA na defesa do espaço Euro-Atlântico, dando aos Aliados europeus uma maior responsabilidade na defesa europeia.
4. Dispersão (C4)	Os EUA deixam os Aliados europeus entregues a si próprios, podendo, eventualmente, estabelecer acordos bilaterais com alguns países para a garantia da sua defesa. É uma NATO praticamente sem a liderança americana em que o maior alargamento significa o estabelecimento de relações bilaterais/multilaterais entre os Aliados e outros países ou organizações. Aumento da dispersão de acordos, não significando coesão da Aliança.

O fluxograma da figura representa o processo para a avaliação e indicação dos cenários:



**Figura 4 – Fluxograma inicial de verificação dos cenários futuros da NATO**  
 Fonte: Adaptado de Lindgren e Bandhold (2009, p. 68).



Com a atenção centrada na NATO, são observadas as relações com parceiros e/ou rivais e verificação de tendências, focando nos desafios/ameaças ao futuro próximo. As opções para a Aliança apontam um caminho, que pressupõe a tomada de decisões políticas e a organização, geração e emprego de forças. O caminho que se obtém no fluxograma termina num cenário futuro para a NATO no horizonte 2030.



## 4. Análise e apresentação de resultados

### 4.1. Evolução do laço transatlântico

Neste subcapítulo abordam-se os desafios à NATO por atores e regiões, referindo primeiro a Rússia e a China e depois o Sul e a Europa.

#### 4.1.1. Análise documental

##### 4.1.1.1. Rússia e China

Após o conflito na região da Crimeia, em 2014, a NATO empreendeu melhorias na sua postura de defesa e dissuasão, designadamente através da Presença Avançada reforçada (*enhanced Forward Presence* (eFP)), o Plano de Ação de Prontidão (*Readiness Action Plan* (RAP)), e a Iniciativa de Prontidão da NATO (*NATO Readiness Initiative* (NRI)), comprometendo-se numa atualização, de longo alcance, nos gastos de defesa e capacidades, em toda a Aliança (NATO, 2020f, p. 8). A eFP tem os efetivos colocados junto à fronteira russa conforme a Tabela 3:

**Tabela 3 – Presença Avançada**

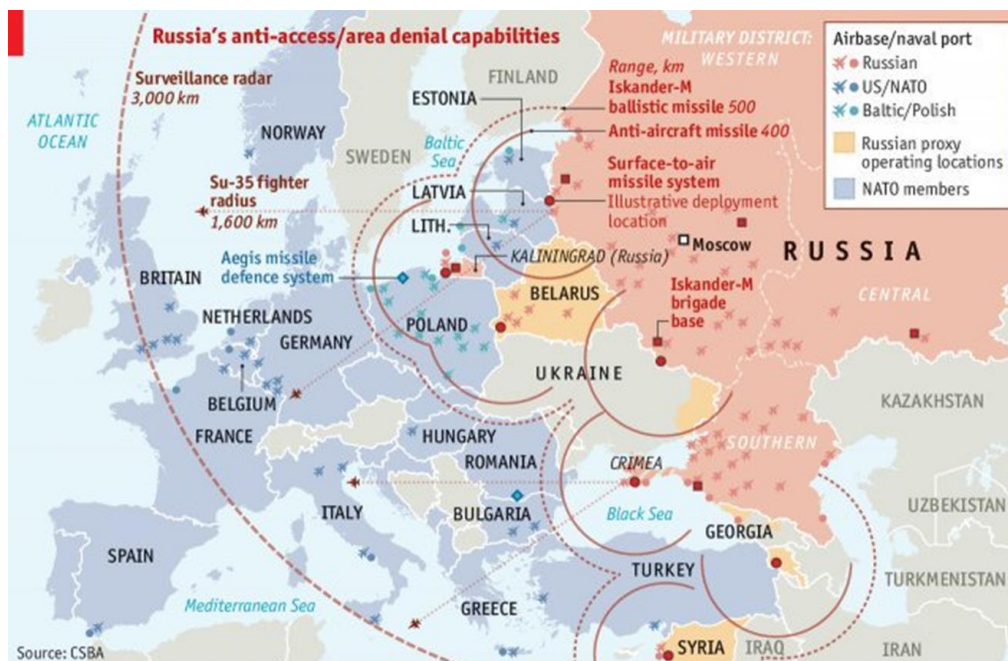
Localização	Comando	Nações contribuintes	Efetivo
Estónia	Reino Unido	Dinamarca, Islândia	964
Letónia	Canadá	Albânia, Eslováquia, Eslovénia, Espanha, Islândia, Itália, Montenegro, Polónia, República Checa	1.525
Lituânia	Alemanha	Bélgica, França, Holanda, Islândia, Luxemburgo, Noruega, República Checa	1.233
Polónia	EUA	Croácia, Reino Unido, Roménia	1.010
<b>Total</b>			<b>4.372</b>

Fonte: Adaptado de Ondrejcsák e Lippert (2019, p. 32) e NATO (2020g).

Ao efetivo da eFP acresce o efetivo de cada um dos estados bálticos e da Polónia, mais a presença dos EUA (4.500 militares) na Polónia, num total de 149.400 militares (*International Institute for Strategic Studies* (IISS), 2021). No lado russo estima-se um efetivo de 140.000 militares (Cesare, 2020). Existe, também, uma presença na parte sudeste da fronteira da Aliança, as Forças à Medida (*Tailored Forces Forward Presence* (TFFP)), na Roménia, Bulgária e Turquia (NATO, 2020b).

Em 2016, a RAND publicou o resultado de um “jogo de guerra” no qual a Rússia atacou os países bálticos, atingindo os subúrbios de Tallin e Riga, capitais da Estónia e Letónia respetivamente, em 60 horas (Shlapak & Johnson, 2016, p. 1).

A Rússia tem aumentado a sua atividade aérea e naval em torno de importantes pontos marítimos nos mares Báltico e Negro, e no Mediterrâneo, dispendo a suas capacidades *anti-access/area denial* (A2AD) (ver Figura 5) e expandindo a guerra híbrida, ameaçando infraestruturas críticas (NATO, 2020f, p. 16).



**Figura 5 – A2AD da Rússia**  
 Fonte: *The Economist* (2018).

Em junho de 2018, os Aliados decidiram a NRI com o compromisso de 30 Batalhões, 30 Esquadrões Aéreos, 30 navios de guerra, com uma prontidão de 30 dias (NATO, 2018c). A Tabela 4 apresenta uma estimativa baseada nas disponibilidades dos membros europeus da Aliança, em 2020.

**Tabela 4 – Estimativa dos Aliados europeus para a NRI**

	Navios de Assalto*	BatInfMec**	Esquadrões***
Alemanha	0	4	6
Bélgica	0	1	2
Bulgária	0	3	0
Croácia	0	2	0
Dinamarca	0	1	1
Eslováquia	0	2	0
Eslovénia	0	1	0
Espanha	3	2	5
Estónia	0	1	0
França	3	4	6
Grécia	0	8	6
Holanda	2	1	2
Hungria	0	2	0
Itália	3	4	6
Letónia	0	1	0
Lituânia	0	1	0
Macedónia do Norte	0	1	0
Noruega	0	1	2
Polónia	0	7	3
Portugal	0	1	1
República Checa	0	1	0
Reino Unido	3	4	5
Roménia	0	3	1
Turquia	5	18	9

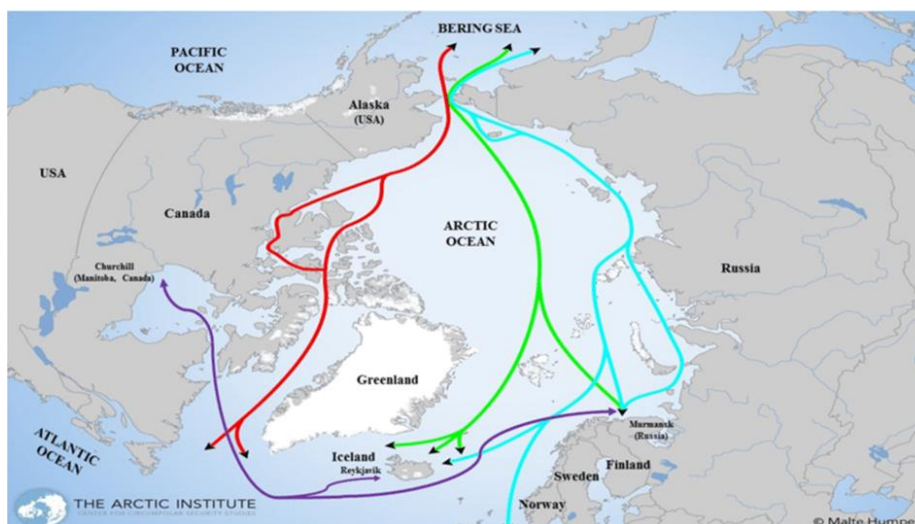


<b>Total</b>	<b>19</b>	<b>73</b>	<b>56</b>
<b>Legenda:</b>			
*Total dos navios de assalto anfíbio;			
** Batalhão de Infantaria Mecanizado;			
***Esquadrões de combate a 12 aviões;			
Para os meios terrestres e aéreos foi considerado um terço dos meios disponíveis estimados.			

Fonte: Adaptado de IISS (2021).

Assumindo uma distribuição por todos os países e limitando as maiores disponibilidades a um máximo de duas unidades, os resultados totais são: 37 batalhões e 25 esquadrões. Neste pressuposto, os meios aéreos ficam aquém da NRI. O mesmo se passa com a disponibilidade de navios de assalto que terá de contar, necessariamente, com a participação do EUA para cumprir o definido das 30 unidades.

O Ártico é outra área de potencial tensão com influência no espaço Euro-Atlântico. A região é uma nova rota de passagem. Enquanto uma viagem do Japão para a Europa leva cerca de 29 dias através do Cabo da Boa Esperança e 22 dias via Suez, demora apenas 10 dias pelo oceano Ártico (Figueiredo, 2020, p. 29).



**Figura 6 – O Ártico**  
Fonte: Stadtländer (2020).

Em 2008 estimou-se que há no Ártico  $45 \times 10^6$  milhões de metros cúbicos de gás natural, 44 mil milhões de barris de gás natural líquido e 90 mil milhões de barris de petróleo, a vasta maioria *offshore* (Marshall, 2016, pp. 273-274).

Segundo Balão (2012, pp. 193-194) há que assegurar a reivindicação “pacífica” das riquezas do Ártico por parte das diversas geografias de poder. No entanto, em 2017, a atividade russa no Báltico e no Ártico, com a detenção de vários russos dentro da Noruega por espionagem, levou Oslo a reforçar a fronteira, com os Fuzileiros Reais Britânicos e os Fuzileiros dos EUA a iniciarem rotações para o norte da Noruega em 2018 (Kilcullen, 2020, pp. 116-117).



O Conselho do Ártico é constituído pelos estados com fronteiras no oceano Ártico, Canadá, Rússia, EUA, Noruega e Dinamarca (devido à sua responsabilidade pela Gronelândia), a que se juntam Islândia, Finlândia e Suécia, que são também membros de pleno direito do Conselho (Marshall, 2016, p. 275). A NATO está em maioria na representatividade, mas em clara desvantagem relativamente aos meios. A militarização e os meios de apoio e controlo do Ártico estão apresentados no Quadro 2:

**Quadro 2 – Infraestruturas e meios de apoio no Ártico**

	Base aérea	Portos	Bases navais	Navios quebra-gelo	Central nuclear	Observações
EUA	1*	4	-	5 (+0+3)**	-	*Gronelândia
Canadá	2	3	-	7 (+2+5)	-	** (+ em
Rússia	14	10	8	46 (+11+4)	1	construção
Noruega	1	3	-	1 (+1+0)	-	+ planeado)
Dinamarca	-	2	-	4	-	
Finlândia	1	-	-	6	-	
Suécia	1	-	-	3 (+0+3)	-	
Islândia	-	1	-	-	-	

Fonte: Adaptado de *Congressional Research Service (CRS)* (2021a, p. 48) e *Figueiredo* (2020, pp. 28-29).

A existência de tensões no espaço Euro-Atlântico volta a colocar frente a frente as duas maiores potências nucleares (ver Tabela 5).

**Tabela 5 – Arsenais nucleares**

	1.º Teste Ano	Ogivas operacionais	Outras ogivas	Total
EUA	1945	1750	4050	5800
Rússia	1949	1570	4805	6375
Reino Unido	1952	120	95	215
França	1960	280	10	290
China	1964	-	320	320
Índia	1974	-	150	150
Paquistão	1998	-	160	160
Israel	...	-	90	90
Coreia do Norte	2006	-	[30-40]	[30-40]
<b>Total</b>		<b>3720</b>	<b>9680</b>	<b>13400</b>

Fonte: Adaptado de *Stockholm International Peace Research Institute (SIPRI)* (2020).

A NATO comprometeu-se a não implantar armas nucleares nos territórios dos novos membros (Schroeder, 2019, p. 30), e nenhuma arma nuclear seria removida da Europa, a menos que todos os Aliados concordassem (CRS, 2021c, p. 36) e (Schroeder, 2019, p. 30).

A par desta relação tensa com a Rússia existe outra que tem a ver com as trocas comerciais. A Rússia tem um mercado importante na Europa. Segundo List (2021, p. 19), 40% do gás que chega à União Europeia (UE) provém da Rússia, e os dois projetos russos, *Nordstream 2*, no Báltico, e o *Turkish Stream*, no Mar Negro, constituem uma oportunidade para a Rússia se estabelecer na Europa como importante fornecedor de gás.



Figura 7 – Gasodutos na Europa  
Fonte: *The Economist* (2020a).

Um outro destinatário do gás russo é a China, em que a Rússia fornece à China cerca de 38 mil milhões de metros cúbicos de gás por ano, via Sibéria (Marshall, 2016, p. 30). A dependência energética da China levou a esta cooperação Rússia-China. A relação Rússia-China está fortalecida desde 2001 com a fundação da Organização de Cooperação de Xangai (OCX) (Nações Unidas (NU), 2021), onde nenhum membro da NATO está presente.



Figura 8 – Membros da Organização de Cooperação de Xangai  
Fonte: *Insights* (2020).

Na Cimeira de Londres de 2019 foi reconhecida pela primeira vez a influência crescente da China (NATO, 2019a), em que a Europa fica num dos extremos da *Belt and Road Initiative* (BRI), a nova rota da seda.



**Figura 9 – A Belt and Road Initiative da China**  
Fonte: *Geopolitical Intelligence Services (GIS) (2017)*.

Com a Europa como destino da BRI, existe a cooperação da China com 16 países da Europa de Leste (Acordo 16+1) incluindo: Albânia, Bósnia Herzegovina, Bulgária, Croácia, Estónia, Eslováquia, Eslovénia, Grécia, Hungria, Letónia, Macedónia do Norte, Montenegro, Polónia, República Checa, Roménia e Sérvia (Binnendijk & Kirchberger, 2021, p. 2). Um acordo em que estão presentes 14 países da NATO.

A presença da China no espaço Euro-Atlântico não se ficou só pelos acordos comerciais. A ligação Rússia-China estendeu-se à via militar com a realização de exercícios combinados, em 2015, com fogos reais, no Mediterrâneo, numa atitude provocatória para irritar as potências da NATO na região, inclusive a Sexta Frota americana sediada em Nápoles (Marshall, 2016, p. 31). O poder militar chinês, tal como o russo, ainda tem limitações significativas, destacando-se a baixa capacidade para se projetar a longas distâncias (Svárovský, 2020, p. 11).

Quanto ao controlo de armamentos, há a intenção de sentar a China na mesa das negociações, mas esta, alegadamente, recusou-se a aderir a essas negociações, a menos que os EUA concordem em reduzir as suas forças nucleares para o nível da China (CRS, 2021b, p. 5). Segundo Bin & Zhao (2016, pp. 237-238) trata-se de um diálogo que exige transparência aos estados nucleares.



#### 4.1.1.2. O Sul

Existe uma crescente instabilidade no flanco Sul da Europa (NATO, 2015a), em que a luta pela posse dos recursos estratégicos e a crescente urbanização são fatores que agravam as causas da conflitualidade, criam espaço de afirmação de atores não estatais, da conflitualidade transnacional e de incremento de radicalismos religiosos (Pereira, 2014, p. 65). Num estudo do *Allied Command Transformation* (ACT) entende-se que os países africanos vão sentir mais emigração do que imigração, durante os próximos 30-40 anos, em que o potencial desenvolvimento reduzirá o crescimento populacional, aumentando a capacidade de jovens para migrar (ACT, 2020, p. 25). O destino europeu é significativo, conforme se depreende da Figura 10:

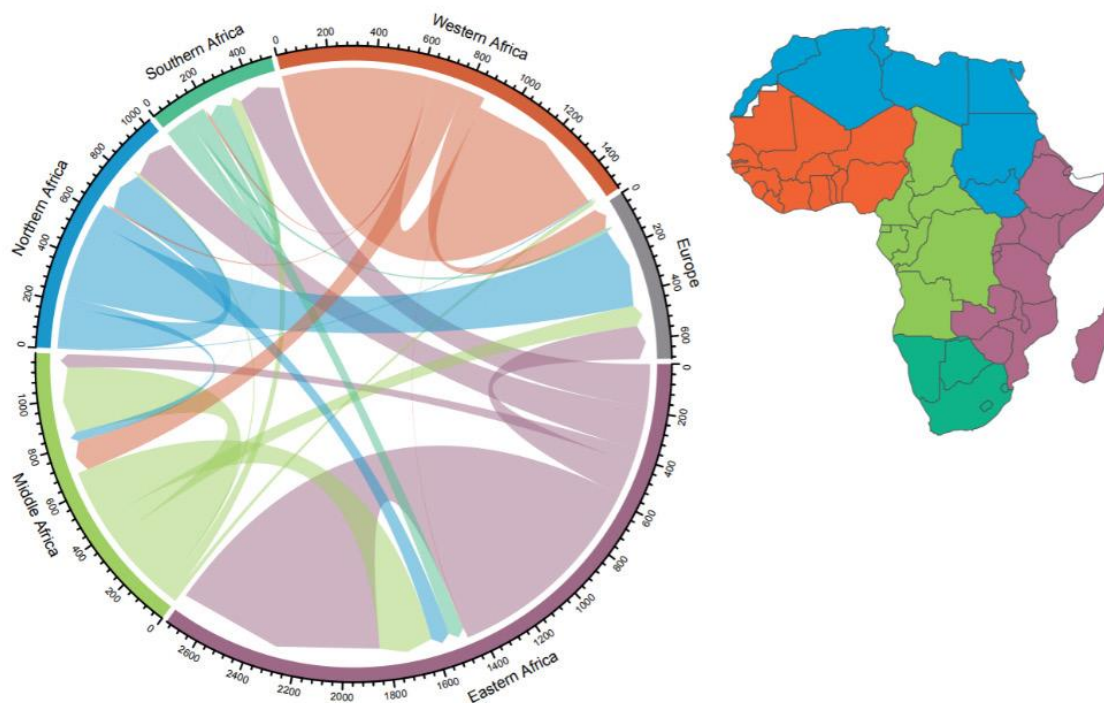


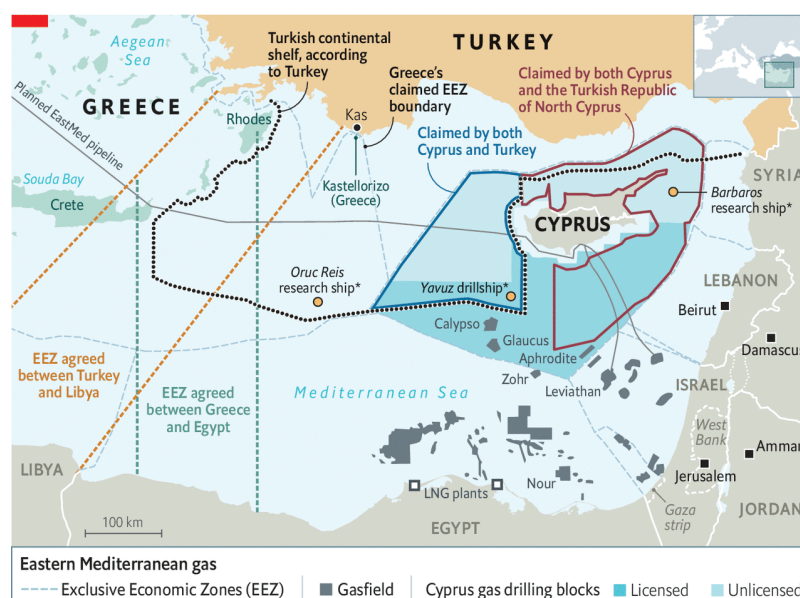
Figura 10 – Movimentos migratórios em África (milhares), referido a 2013

Fonte: ACT (2020, p. 23).

Assim, os espaços à margem do território da NATO, do Norte de África aos Balcãs, expõem grande parte da Europa ao risco de penetração por grupos terroristas, sendo que o nexos entre grupos terroristas e redes criminosas esbateu ainda mais as linhas entre a responsabilidade nacional e a resposta internacional (Santamato & Beumler, 2013, p. 22), donde a NATO deve focar a sua atenção na ameaça do terrorismo ao espaço Euro-Atlântico, incluindo aquele que tem origem na fronteira sul da Aliança (NATO, 2020f, p. 32).



Outra preocupação da NATO é a Turquia que está no epicentro da Eurásia e África, onde as oportunidades e os riscos existem (Marshall, 2016, p. 179) e qualquer estratégia eficaz para a Europa terá de incluir um caminho especial para aquele país ((Hamilton & Meister, 2016, p. 88). Existe uma influência da Turquia nos Balcãs para oeste e no Cáucaso para leste como um facto consumado, mas a intensa popularidade do povo turco em Gaza, fez da Turquia um facto organizacional no mundo árabe, a um nível que não gozava desde o tempo dos Otomanos (Kaplan, 2012, p. 299). Esta influência turca marca o Mediterrâneo oriental com envolvimento em conflitos e disputas territoriais, como se observa da Figura 11, com Chipre no centro da discórdia.



**Figura 11 – Zonas de tensão no Mediterrâneo**

Fonte: *The Economist* (2020b).

A importância de Chipre verifica-se no efetivo militar presente no território insular, conforme a Tabela 6:

**Tabela 6 – Eletivo militar presente no Chipre**

	República de Chipre	República Turca do Chipre do Norte
Chipre	15.000	
Grécia	950	
Nações Unidas (14 países)*	580	
República Turca		3.000
Turquia		33.800
<b>Total</b>	<b>16.530</b>	<b>36.800</b>
Reino Unido (Bases britânicas)		<b>2.260</b>

**Legenda:** \*United Nations Peacekeeping Force in Cyprus (UNFICYP) – o maior contingente pertence à Eslováquia (241).

Fonte: Adaptado de IISS (2021).



Atendendo ao efetivo de quatro Aliados (Eslováquia, Grécia, Reino Unido (RU) e Turquia) presentes em Chipre, num total de 37.251 militares, constitui uma concentração inédita comparada com outros teatros de operações em que a NATO está envolvida. Chipre constitui um assunto por resolver entre membros da NATO e que envolve, também, a UE.

Para além da questão turca, a NATO terá de trabalhar com a UE, a União Africana (UA) e outras organizações regionais e internacionais, onde seja relevante (NATO, 2020f, p. 34) para uma cooperação da NATO num modelo *ad-hoc* e que possa criar programas de cooperação coerentes, exequíveis e conformes com as especificidades referenciais na Aliança (Pereira, 2014, p. 65).

#### 4.1.1.3. Europa

Na Cimeira de Gales foi reiterado o esforço na defesa por parte dos Aliados e assumiu-se que os membros da Aliança se comprometeriam com gastos na defesa com uma meta de 2% do seu Produto Interno Bruto (PIB) até 2024, e desse montante, 20% é investimento na modernização militar e investigação e desenvolvimento (NATO, 2014).

A maior parte dos Aliados ainda está aquém destas metas, conforme se pode ver na Figura 12:

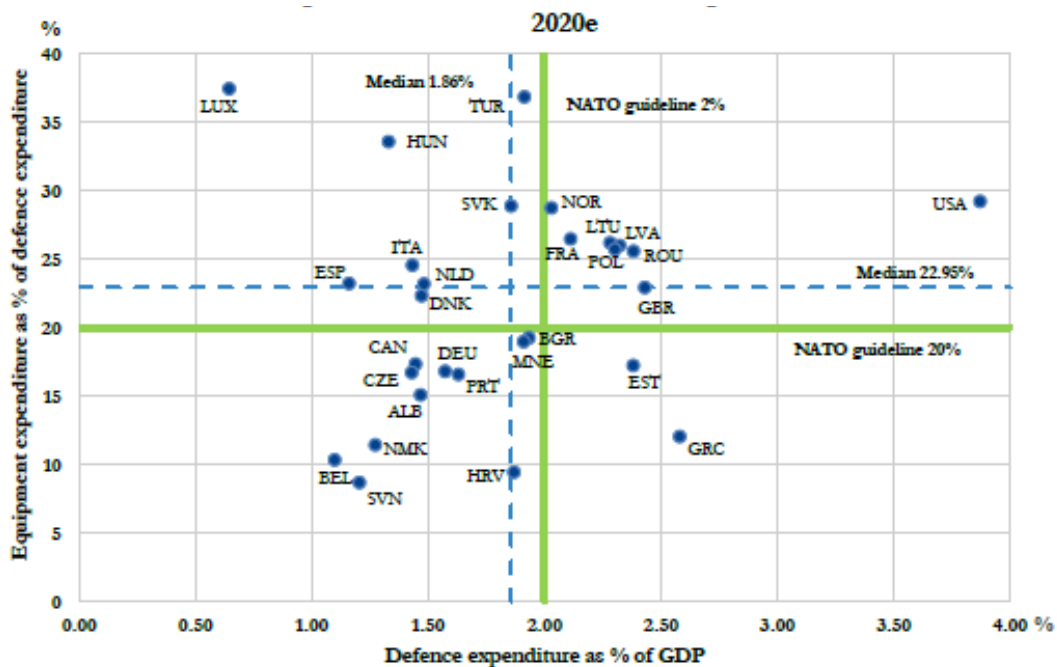


Figura 12 – O investimento na defesa dos Aliados  
Fonte: NATO (2020d).

Tendo em atenção a percentagem do efetivo militar na população, obtém-se o seguinte gráfico:



**Gráfico 1 – O investimento na defesa dos países da NATO**

Fonte: Adaptado de IISS (2021).

O Gráfico 1 refere o investimento na defesa (em ordenadas) em percentagem do PIB, mas apresenta outro dado que é a percentagem do efetivo militar no ativo em relação à população (em abcissas no Gráfico 1). Aqui, verifica-se um padrão em que a percentagem varia entre os 0,20% e os 0,45%, e neste dado os EUA não demonstram uma diferença para os seus Aliados. Contudo, para uma média de efetivo na ordem dos 0,34% e para que todos os países da NATO tenham esta percentagem como efetivo mínimo, significaria que o efetivo militar no ativo deveria aumentar em 442.660 militares, na globalidade, incluindo a maioria dos Aliados (cf. Apêndice D).

Para atingir a meta dos 2%, e verificando o investimento em falta em cada um dos países, o montante global deverá ser de 64,5 mil milhões de dólares (cf. Apêndice D). Os EUA, segundo Crawford (2019), tiveram uma despesa cem vezes superior àquele montante com a guerra contra o terrorismo, nos últimos 20 anos. As duas despesas não são comparáveis, sabendo que a projeção dos EUA é global e o envolvimento na Guerra do Iraque de 2003 não gozou do consenso dentro da NATO.



O investimento também se perde na dispersão de meios existentes. Como exemplo, os estados da UE operam 178 grandes sistemas de armas (30 nos EUA), 17 tipos de Carro de Combate (CC) (um nos EUA), 29 tipos de contratorpedeiros e fragatas (quatro nos EUA) e 20 tipos de aviões de combate (seis nos EUA) (Schuette, 2021, p. 2). Na Tabela 7 verifica-se o caso da NATO:

**Tabela 7 – Tipos diferentes de CC e aviões**

NATO-Europa	CC (Leopard, T-72, M-80, Leclerc, Ariete, PT-91, Challenger, T-55, TR-85, M60) – 10 tipos diferentes; Aviões (Typhoon, Tornado, MiG-29, MiG-21, F-16, Harrier, F-18, F-5B, Mirage 2000, Rafale, F-35, Gripen, Ghibli, Su-22, F-4) – 15 tipos de aviões.
-------------	--

Fonte: Adaptado de IISS (2021).

A *Smart Defence* é construir segurança por menos dinheiro, trabalhando em conjunto e sendo mais flexível (Czulda & Lós, 2013, p. 213). O esforço de criar sinergias é fundamental entre os EUA e os Aliados europeus. A Tabela 8 apresenta a situação do programa do avião F-35, exemplo da ligação EUA-Aliados europeus:

**Tabela 8 – Membros da NATO do programa F-35**

	Situação dos programas (adquiridos) (a adquirir)
Bélgica	(-) (35)
Dinamarca	(-) (27)
Holanda	(-) (46)
Itália	(28) (62)
Noruega	(15) (37)
Polónia	(-) (32)
Reino Unido	(48) (90)
Turquia	(-) (100) – cancelado devido à aquisição do sistema S-400 à Rússia

Fonte: Adaptado de CRS (2020, pp. 7-8) e Romaniello (2020).

A NATO deve continuar a adaptar as suas estratégias e capacidades militares e desenvolver planos para toda a Aliança, em linha com uma abordagem de 360° para a segurança (ACT, 2021).

#### 4.1.2. Análise das entrevistas

Da análise das entrevistas ficaram verificadas as unidades de registo relativas à abordagem dupla com a Rússia e ao reforço do investimento na defesa por parte dos Aliados europeus. 82% dos entrevistados concordam com a abordagem dupla com a Rússia. Existem áreas de diálogo obrigatório com a Rússia, refere [E1] “Há dois domínios que são fundamentais para a cooperação com os russos, o Espaço e o ciberespaço.” [E9] resume da seguinte forma “(...) cenário duplo, por um lado contenção e dissuasão garantida, e por outro lado abertura à consideração dos interesses legítimos da Rússia, e os interesses legítimos da Rússia são antes de mais a sua sobrevivência.”



82% dos entrevistados concordam que os europeus devem reforçar a sua participação no esforço de defesa no âmbito da NATO. Existem aspetos focados pelos entrevistados que na análise documental são tratados relativamente ao investimento na defesa. Contudo, no que respeita aos EUA, para [E5] “As despesas de defesa americanas são muito maiores do que qualquer outro Estado-Membro, mas isso tem em conta os gastos com forças e questões fora da zona Euro-Atlântica.” e implica que a NATO assuma maior esforço, designadamente os Aliados europeus, na preparação e aprontamento dos seus meios com vista às operações da Aliança.

Foram parcialmente verificadas as unidades de registo relativas à influência da China no espaço Euro-Atlântico, aos interesses da Turquia que colidem com os objetivos da NATO, ao controlo de armamentos, e às atividades no Espaço e ciberespaço. 73% dos entrevistados entendem que a nova rota da seda chinesa, a BRI, chega ao espaço Euro-Atlântico, implica saber lidar com a China e acautelar a dependência em relação à China, como um grande fornecedor do mercado europeu. A China coopera ainda com a Rússia e [E8] ressalva que “(...) este alinhamento entre os dois [Rússia e China] é um jogo geopolítico muito bem consolidado e nos próximos dez anos tem tudo para continuar.”

73% dos entrevistados apontam a Turquia como um problema que necessita de solução dentro da NATO. A dualidade de comportamento da Turquia, como um Aliado muito importante e como um destabilizador da coesão da Aliança, com disputas com outros Aliados, é assinalada. Ressalva, ainda, [E10] “(...) Ancara é um elemento-chave no equilíbrio estratégico no Médio Oriente, e uma das suas superpotências regionais, ao lado do Egito, Irão, Israel e Arábia Saudita”.

64% dos entrevistados concordam com o controlo de armamentos, em que os acordos bilaterais entre os EUA e a Rússia deverão ser atualizados, mantidos e não deve haver surpresas e abandonos nos acordos já estabelecidos. [E3] e [E6] reforçam que o Tratado sobre as Forças Convencionais na Europa (*Treaty on Conventional Armed Forces in Europe* (CFE)) deve ser revisto.

55% dos entrevistados referem a ciberdefesa no espaço Euro-Atlântico. As dificuldades das ameaças cibernéticas são ressalvadas por [E9] “Nós temos uma capacidade de dissuasão clássica ao nível da NATO. Não temos uma capacidade de dissuasão ao nível daquilo que hoje é fundamental, que é o das ameaças híbridas.”



#### 4.1.3. Síntese conclusiva e resposta à QD1

A evolução do laço transatlântico depende das opções que a Aliança vai tomar para fazer face aos desafios na próxima década. O espaço Euro-Atlântico é uma área onde se jogam os interesses tanto da Rússia como da China, sendo por isso, destino da BRI e das rotas do Ártico. A fronteira sul da Aliança confina com uma região do Médio Oriente e Norte de África, onde a falta de recursos e de liderança, associadas a criminalidade e conflitos, a par de tensões no Mediterrâneo criam instabilidade que afeta o espaço Euro-Atlântico. Importa à NATO:

- Tratar a Rússia com uma abordagem dupla, com dissuasão garantida, e em simultâneo, estabelecer um diálogo procurando perceber os interesses legítimos da Rússia, que são antes de mais a sua sobrevivência;

- Apoiar o diálogo bilateral EUA-Rússia no controlo de armamentos, e rever o CFE;

- Estabelecer parceria com a OCX para dialogar com a China e a Rússia e perceber a evolução da cooperação entre aqueles dois estados;

- Contrariar as atividades híbridas e cibernéticas da Rússia que são uma ameaça inaceitável para os Aliados, e fomentar a partilha de tecnologia entre os Aliados da América do Norte e os Aliados europeus;

- Aumentar o esforço na defesa por parte dos Aliados europeus, com desenvolvimento de programas cooperativos que criem sinergias e contrariem a obsolescência e variedade dos equipamentos, reforçando a interoperabilidade;

- Dialogar e promover programas de desenvolvimento com a região do Médio Oriente e Norte de África, percebendo os atores, envolvendo a UE e trazendo a Turquia para seguir o rumo da NATO, e entender a fronteira sul como a continuação da linha de defesa da Aliança, numa abordagem 360°;

- Olhar para o Ártico para antecipar futuras tensões e desenvolver meios para fazer face ao avanço da Rússia.

Assim, a ligação na NATO deverá tender para garantir uma abordagem dupla com a Rússia, mantendo uma presença dissuasora nas fronteiras da Aliança que envolva todos os membros, e estabelecendo um diálogo com a Rússia que seja NATO-Rússia e EUA-Rússia para controlo de armamentos; aumentar o investimento na defesa com programas estruturantes que permitam uma maior prontidão da Aliança e que envolvam sinergias dos Aliados dos dois lados do Atlântico para mais e melhores capacidades; estabelecer diálogos com Aliados, parceiros e rivais por forma a entender os interesses, necessidades e



vontades de partilhar com a NATO e, desse modo, trabalhar a coesão e a defesa do espaço Euro-Atlântico ao longo da sua fronteira, numa abordagem 360°. Fica, deste modo, respondida a QD1, *como poderá evoluir o laço transatlântico para garantir a defesa do espaço Euro-Atlântico?*

#### 4.2. As Possibilidades de expansão da NATO

A NATO deve delinear um plano global para parcerias em várias regiões que serão utilizadas para promover os seus interesses estratégicos (NATO, 2020f, p. 58).

A NATO, com 72 anos (cf. Apêndice F), foi aumentando o número de membros. Começou com 12 estados e hoje está com 30 países. Outras organizações que surgiram na mesma altura já acabaram, como a *Southeast Asia Treaty Organization* (SEATO), a *Central Treaty Organization* (CENTO) e o Pacto de Varsóvia. A UE cresceu de forma muito semelhante à NATO, como se pode inferir do Gráfico 2:

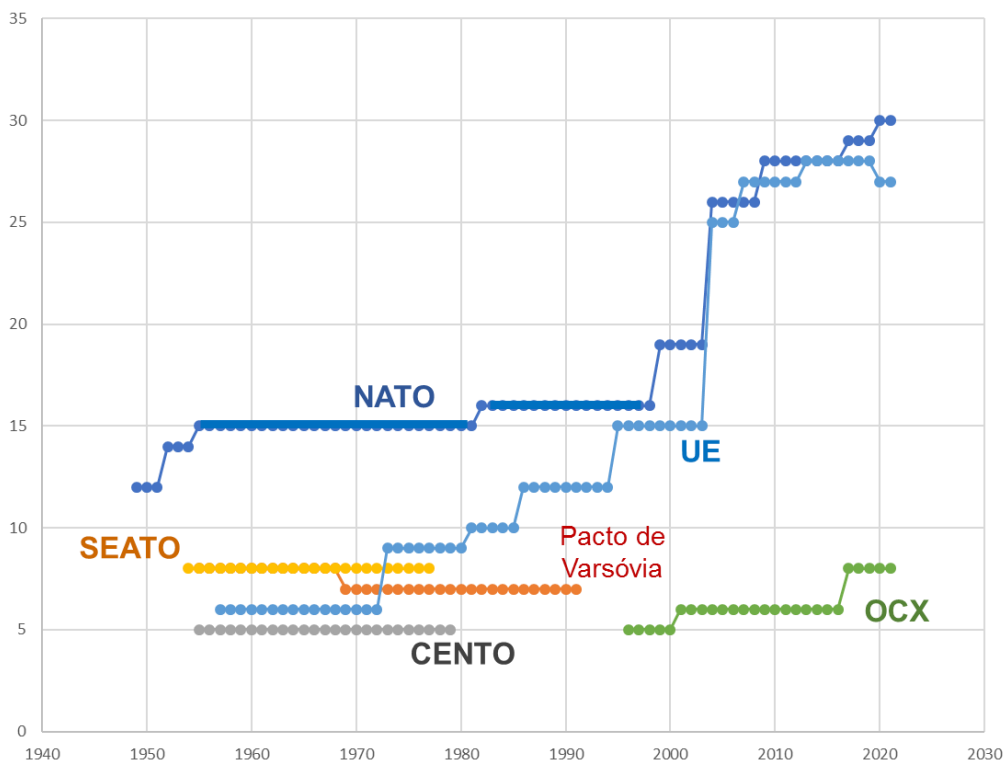


Gráfico 2 – Evolução ao longo dos anos versus número de membros

Fonte: Adaptado de Tierney (2020), Departamento de Estado dos EUA (2021), Nações Unidas (NU) (2021) e NATO (2021)

A análise incide sobre três espaços principais, onde se analisam as possibilidades de adesão e de parcerias. O espaço europeu com incidência no Norte e Este. O espaço Sul que abrange a região do Médio Oriente e Norte de África, e o espaço do Indo-Pacífico e Ásia Central que envolve grande parte da BRI.



#### 4.2.1. Análise documental

##### 4.2.1.1. Norte e Este

Vinte e um países da UE são, simultaneamente, membros da NATO, conforme se pode verificar na figura seguinte:

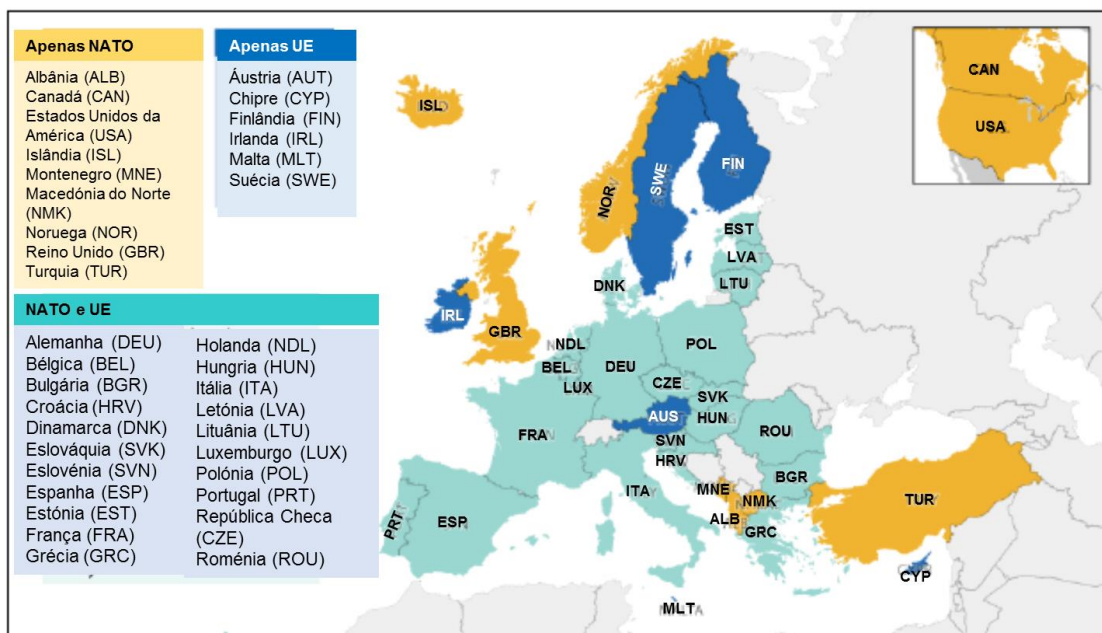


Figura 13 – Membros da NATO e da União Europeia

Fonte: Adaptado de Archick (2020, p. 2).

Durante a Guerra Fria, a NATO e a UE praticamente não tinham relacionamento (Odgaard, 2014, p. 77), e hoje, no que respeita às questões de segurança, terá de haver um alinhamento das duas organizações, por força de terem membros e uma geografia comuns. A UE estabeleceu a designada “Bússola Estratégica” que guia a implementação do nível de ambição definido na sua Estratégia Global e que implica coordenação com a NATO (Koenig, 2020, p. 5). A Bússola Estratégica inclui quatro grandes áreas, ou “cestos”, conforme está na Tabela 9:

Tabela 9 – Bússola Estratégica e NATO

Quatro “cestos”	Questões da UE relevantes para a NATO
Gestão de Crises	Quais as prioridades regionais (e.g. Leste vs. Sul; Ásia)? Qual o futuro para os <i>Battlegroups da UE</i> ?
Desenvolvimento de Capacidades	Como ligar as capacidades da UE e o processo de planeamento da defesa com a NATO? O <i>NATO Defence Planning Process</i> (NDPP) tem um ciclo de cinco anos e deve estar sincronizado com o <i>Capability Development Plan</i> (CDP).
Resiliência	Qual a articulação da assistência mútua e as cláusulas de solidariedade à luz do Art. 5.º da NATO?
Parcerias	Como aprofundar a cooperação UE-NATO?

Fonte: Adaptado de Koenig (2020, p. 6) e Brustlein (2019, pp. 23-25).



Nas questões levantadas, identifica-se a necessidade de coordenar opções políticas e estratégicas bem como o levantamento de meios e capacidades, procurando a sincronização de ciclos de planeamento.

A participação em operações tem ganho com o intercâmbio entre NATO e UE. O Quadro 3 apresenta a taxa de empenhamento em operações da NATO, UE e NU:

**Quadro 3 – Taxa de participação em operações (Efetivo em milhares)**

	Efetivo total	Operações NATO	(%) Efetivo	Operações UE	(%) Efetivo	Operações NU	(%) Efetivo
NATO-Europa	1.810,41	12,35	0,68	1,26	0,07	4,24	0,23
UE-NATO	1.265,01	9,17	0,72	1,03	0,08	4,09	0,32
UE-Não NATO	85,90	0,45	0,52	0,38	0,44	1,05	1,22
Reino Unido	148,50	1,84	1,24	0,01	0,01	0,02	0,01
Turquia	355,20	0,94	0,26	0,21	0,06	0,09	0,03
EUA	1.388,10	5,33	0,38	0,00	0,00	0,02	0,00
Canadá	67,40	0,92	1,36	0,00	0,00	0,03	0,04
UE	1.350,91	9,62	0,71	1,41	0,10	5,13	0,38

Fonte: Adaptado de IISS (2021).

Os países da UE não pertencentes à NATO têm a maior taxa de participação em operações, só ultrapassados pelo Canadá e RU, devido à participação destes em operações da NATO. Repare-se que aqueles países da UE têm a maior taxa de participação em operações da UE (0,44%) e operações das NU (1,22%). A UE na globalidade tem uma taxa de participação nas suas operações de 0,10%. A NATO tem uma taxa de participação nas suas operações de 2,42%.

Atendendo a duas operações da NATO, no Afeganistão e no Kosovo, os maiores contribuintes com forças estão na Tabela 10:

**Tabela 10 – Maiores contributos para Operações da NATO**

Missão	Maiores contingentes (militares)
<i>Resolute Support Mission</i> - Afeganistão	Alemanha (1.300), Austrália (200), EUA (4.000), Geórgia (860), Itália (800), Mongólia (233), Polónia (397), Portugal (188), Reino Unido (950), Roménia (693), Turquia (600)
<i>Kosovo Force</i> (KFOR) - Kosovo	Áustria (322), Eslovénia (229), EUA (660), Grécia (111), Hungria (397), Itália (628), Polónia (230), Suíça (165), Turquia (311).

Fonte: Adaptado de IISS (2021).

Ressaltam contributos de países que não são membros da NATO, com destaque para a Austrália, a Geórgia e a Áustria. Em 2016, a NATO divulgava que a relação da Geórgia com a Aliança continha todos os instrumentos para se preparar para uma eventual adesão (Bond, 2017, p. 14).

O Relatório NATO 2030 refere que a organização deve continuar empenhada nas decisões de Bucareste de 2008 e elevar a importância das negociações de adesão a um nível mais elevado, procurando expandir as suas parcerias com a Suécia, a Finlândia, a Ucrânia, a Geórgia e a Bósnia-Herzegovina (NATO, 2020f, p. 59).



## 4.2.1.2. Sul

A NATO deve dinamizar as atuais parcerias no Sul, nomeadamente o *Mediterranean Dialogue* (MD) e a *Istanbul Cooperation Initiative* (ICI), através do reforço da resiliência para enfrentar ameaças como as alterações climáticas, a migração ilegal, a escassez de recursos e as limitações de governação dos espaços (NATO, 2020f, p. 59).

Existem operações fora da alçada da NATO que consomem recursos. A Tabela 11 apresenta os dados de 2020 da Operação *Barkhane*, em África, liderada pela França, onde todos os países participantes são membros da NATO.

Tabela 11 – Efetivo militar na Operação *Barkhane*

Efetivo total (5.245)	
Burkina Faso	França (400)
Chade	França (1.500)
Mali	Estónia (95), França (2.500), Reino Unido (90)
Níger	França (600)
Senegal	Espanha (60)

Fonte: Adaptado de IISS (2021).

O efetivo envolvido (5.245 militares) é praticamente igual ao efetivo total do conjunto das missões da UE e das NU, em que estão envolvidos todos os membros europeus da NATO (ver Quadro 3).

Em março de 2020, a NATO aprovou iniciativas de cooperação com o objetivo de amadurecer progressivamente a relação NATO-UA, de um apoio *ad-hoc* para uma parceria prática substantiva (NATO, 2020c).

## 4.2.1.3. Indo-Pacífico e Ásia

A região do Indo-Pacífico concentra as maiores economias no horizonte 2030, como se pode observar no Quadro 4:

Quadro 4 – Projeções de PIB (Milhares de milhões de dólares)

Posição	País/PIB	2011		2030	
		País/PIB	País/PIB	País/PIB	País/PIB
1	EUA	15.094	China	38.008	
2	China	7.298	EUA	23.475	
3	Japão	5.867	Índia	19.511	
4	Alemanha	3.571	Japão	5.606	
5	França	2.773	Indonésia	5.424	
6	Brasil	2.477	Rússia	4.736	

Fonte: Adaptado de Posen (2014, p. 94) e *Insider* (2017).

Este aumento da riqueza já tem repercussões nas maiores despesas com a defesa, conforme a Tabela 12:



Tabela 12 – Maiores gastos em defesa em 2020 (milhares de milhões de dólares)

	Gastos	% do PIB
EUA	738,0	3,77
China	179,0	1,18
Índia	64,1	2,47
Reino Unido	61,5	2,35
Rússia	60,6	4,15
França	55,0	2,07
Alemanha	51,3	1,56
Japão	49,7	1,01
Arábia Saudita	48,5	7,12
Coreia do Sul	40,4	2,54

Fonte: Adaptado de IISS (2021) e Xuanzun (2021).

O investimento chinês na defesa tem o seu reflexo nos meios militares que a China vai apresentando. Pouco a pouco os chineses colocam cada vez mais navios nos mares ao largo da sua costa e avançarão pelo Pacífico e a cada um que for lançado, menos espaço haverá para os americanos nos mares chineses (Marshall, 2016, p. 53).

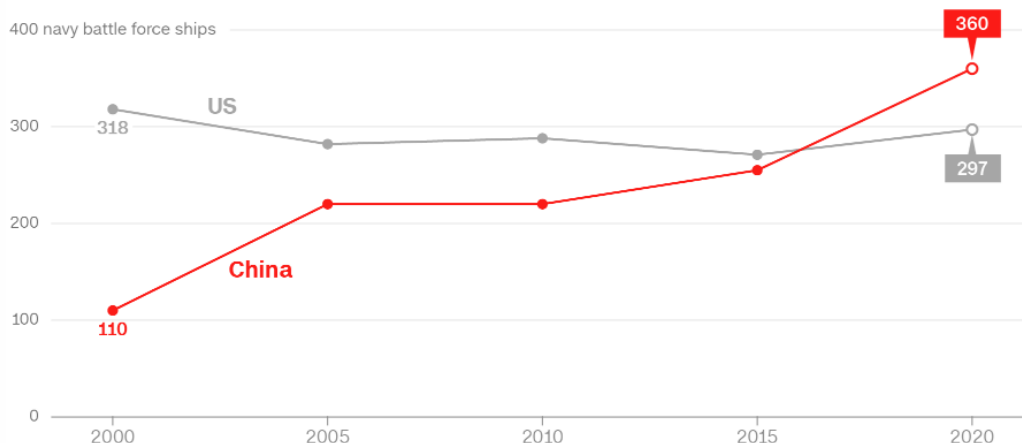


Figura 14 – Marinhas: EUA versus China

Fonte: Lendon (2021).

A China será o principal concorrente geoestratégico dos Estados Unidos nas próximas décadas, sendo do interesse dos Aliados da NATO assumir o fardo da defesa na região transatlântica mais equitativamente, para permitir que os EUA se possam focar cada vez mais na competição com a China (Lute & Burns, 2019).

A China mantém a sua pressão sobre os seus vizinhos no Mar do Sul da China, com disputas territoriais e ações provocatórias. A Figura 15 mostra as áreas de defesa da China:

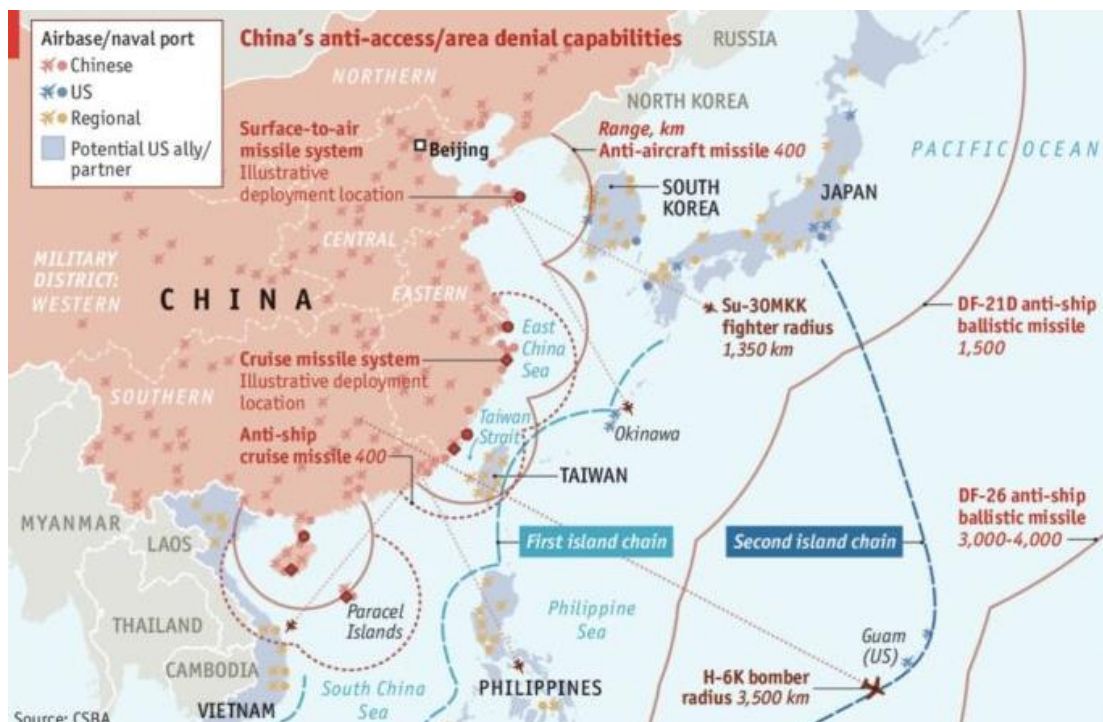


Figura 15 – As linhas de defesa marítimas da China

Fonte: *The Economist* (2018).

Os norte-americanos estão comprometidos pelo *Taiwan Relations Act*, de 1979, a defender Taiwan no caso de invasão chinesa, mas, se Taiwan declarar completa independência da China, o que a China consideraria um ato de guerra, os EUA não estão obrigados a ir em sua ajuda, pois a declaração seria considerada uma provocação (Marshall, 2016, p. 56).

A NATO pode assumir-se como ponto central na parceria para conter a China e este esforço pode basear-se nas relações bilaterais já existentes com a Austrália, o Japão, a Coreia do Sul, e a Nova Zelândia, avançando para uma rede mais alargada do género “30+4” (Skaluba, 2020, p. 9). Outra possibilidade, é a recomendação feita pelo Relatório NATO 2030 de estender a parceria à Índia, a maior democracia do mundo e um país que partilha interesses e valores fundamentais com a Aliança (NATO, 2020f, p. 60).

#### 4.2.2. Análise das entrevistas

Da análise das entrevistas ficaram parcialmente verificadas as unidades de registo relativas à parceria com a Índia, e ao relacionamento NATO-UE no que respeita ao planeamento da defesa e à coordenação de operações militares. 73% dos entrevistados concordam com a parceria com a Índia.



64% dos entrevistados concordam com o reforço da cooperação NATO-UE, e apontam a coordenação do planeamento de defesa da NATO com os ciclos de planeamento de defesa da UE. [E9] ressalva que existem capacidades nas duas organizações que merecem ser exploradas para uma melhor resposta às ameaças:

“A dissuasão clássica funciona [e] onde é que não tem funcionado? Na dissuasão às ameaças híbridas. Quem tem a chave para essa parte? É a UE. Qual é a peça para essa chave? É política, diplomática, económica, financeira e social. A resposta a uma agressão híbrida implica não só uma componente militar, mas muitas outras componentes.”

64% dos entrevistados concordam com uma melhor coordenação entre a NATO e a UE para a condução de operações. [E11] lista as áreas de envolvimento:

“(…) Trabalhamos em conjunto no Combate às Ameaças Híbridas, Cooperação Operacional, incluindo as Questões Marítimas e as Migrações, Cibersegurança e Defesa, Capacidades de Defesa, Indústria de Defesa e Investigação, Exercícios, Levantamento da Capacidade de Defesa e Segurança, e através dos Centros de Excelência.”

#### 4.2.3. Síntese conclusiva e resposta à QD2

A NATO foi crescendo em quantidade de membros ao longo dos 70 anos de existência, adaptando-se às alterações com o fim da Guerra Fria, o conflito nos Balcãs e avançando para o Afeganistão na guerra contra o terrorismo. A expansão por via de novas adesões e/ou parcerias está na agenda da Aliança para a próxima década. A região do Indo-Pacífico registará na próxima década os países mais ricos do mundo, com a China a firmar-se como um protagonista em ascensão e a disputar protagonismo com os EUA. A NATO já tem parcerias na região do Pacífico, mas não tem uma forte ligação no eixo Ásia-Indo-Pacífico. O *core* da NATO é a defesa do espaço Euro-Atlântico, e a sua expansão pode trazer ganhos de segurança na defesa do espaço Euro-Atlântico, pelas seguintes opções:

-O aumento da cooperação com a UE, sincronizando o planeamento e definindo áreas geográficas de intervenção e partilha/distribuição de operações;

-O aproveitamento das áreas diplomática, económica, financeira da UE para estabelecer diálogos de segurança com as regiões vizinhas ao espaço Euro-Atlântico, e acautelar as atividades de influência da Rússia e da China;



-A definição de um diálogo claro que tenha em consideração os interesses legítimos da Aliança e dos estados, acautelando as implicações para a segurança. Incluem-se neste diálogo os estados: Finlândia, Suécia, Geórgia, Ucrânia e Bósnia-Herzegovina;

-A consolidação da parceria com a UA para a estabilização do flanco sul. Promoção de parcerias com estados do Mediterrâneo, acautelando as características de cada estado;

-O estabelecimento do diálogo com a Índia;

-A consulta política com os EUA para acautelar as questões de segurança no Mar do Sul da China.

A cooperação e ligação reforçada com a UE e o reforço da parceria com a Finlândia e a Suécia, fechando a fronteira a norte, a perceção dos interesses dos países e organizações no Norte de África e promoção de um diálogo de segurança com a Índia (a NATO sendo regional, poderá ter uma abordagem global dos assuntos de segurança), implica no geral, uma melhor capacidade de dissuasão relativamente à Rússia, o apoio no flanco sul e uma abordagem mais global da segurança, com ganhos para a defesa do espaço Euro-Atlântico. Fica, deste modo, respondida a QD2, *quais as implicações para a NATO devido à sua expansão, no interior e para fora do espaço Euro-Atlântico?*

### **4.3. Contributos para a transformação da NATO e resposta à QC**

Em resposta à QC, *quais os contributos para a transformação da NATO na perspetiva da defesa do espaço Euro-Atlântico e do alargamento da Aliança, no período 2020-2030?* consideram-se os seguintes contributos agrupados em duas áreas principais:

#### **Política:**

-Tratar a Rússia com uma abordagem de dupla via, mantendo a dissuasão com forças que possam incluir o maior número possível de bandeiras, em sinal de coesão dos Aliados, e estabelecer o diálogo NATO-Rússia, bem como, acompanhar o diálogo bilateral EUA-Rússia;

-Procurar um diálogo com a OCX e iniciar o diálogo de segurança com a Índia, mantendo a estreita cooperação com as parcerias já existentes na Ásia-Pacífico;

-Aumentar a cooperação com a UE, sincronizando o planeamento e aproveitar as áreas diplomática, económica, financeira da UE para estabelecer diálogos de segurança com as regiões vizinhas ao espaço Euro-Atlântico, numa abordagem 360° que garanta olhar para toda a extensão da fronteira da Aliança;



-Promover a parceria reforçada com a Finlândia e a Suécia que permite o estender o espaço da Aliança para norte e continuar o diálogo com: Ucrânia, Geórgia e Bósnia-Herzegovina.

**Estratégica:**

- Contrariar as atividades híbridas e cibernéticas da Rússia que são uma ameaça inaceitável para os Aliados, e fomentar a partilha de tecnologia entre os EUA e os Aliados europeus;

- Desenvolver os meios e as capacidades para se obter um maior equilíbrio de meios no Ártico;

- Aumentar o esforço na defesa por parte dos Aliados europeus e Canadá, revendo a fórmula do esforço financeiro, não definindo um limite, mas um intervalo para o investimento, e observando determinados indicadores: o efetivo militar de cada membro e as suas capacidades disponíveis para serem empregues em proveito da Aliança. Este esforço dos aliados europeus e Canadá, em conjugação com o apoio dos EUA determinará a evolução do laço transatlântico;

-Desenvolver programas cooperativos (EUA-Aliados e/ou NATO-UE) que criem sinergias e contrariem a obsolescência e variedade dos equipamentos, reforçando a interoperabilidade, evitando a sobreposição de meios e garantindo a modernidade e complementaridade. De outra forma, gerar capacidades de defesa de que a Aliança necessita de forma mais rentável, ou seja, aplicar a *Smart Defence*;

-Manter a consulta política com os EUA para acautelar as questões de segurança no Mar do Sul da China, por forma a não quebrar o laço transatlântico e dissuadir qualquer postura provocatória vinda da cooperação Rússia-China.

A resposta à QC pode ser visualizada no fluxograma da figura 16, com os contributos para a transformação da NATO e os quatro cenários de futuro:

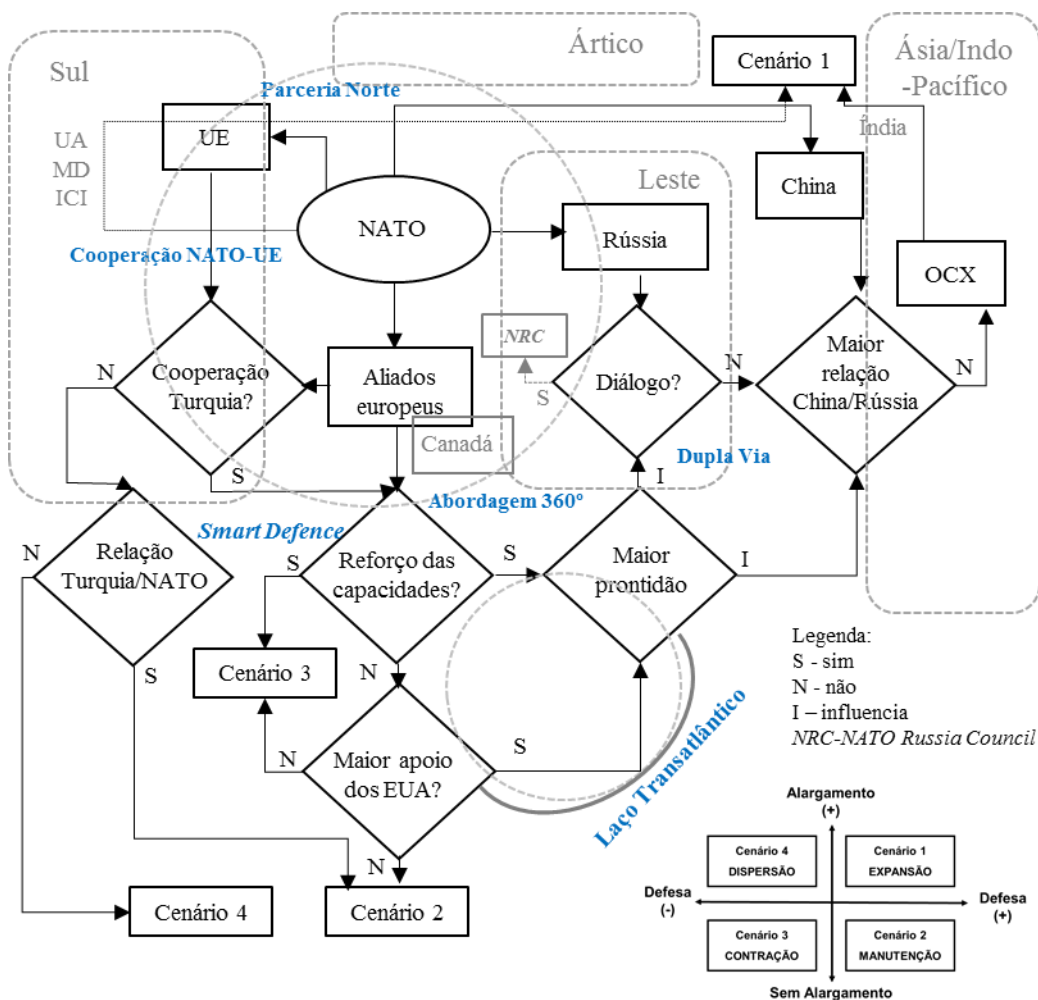


Figura 16 – Fluxograma dos contributos para a transformação

A relação entre os Aliados e a forma como enfrentarão os desafios e as ameaças, determinará o caminho a seguir na próxima década. Em face da defesa do espaço Euro-Atlântico e das possibilidades de alargamento, existem as seguintes possibilidades: (i) cenário 1, a NATO assume uma postura mais global e estende-se para o espaço da Ásia e Indo-Pacífico por meio de acordos e parcerias; (ii) cenário 2, a NATO mantém a prioridade no espaço Euro-Atlântico, com empenhamento dos EUA no reforço do laço transatlântico; (iii) cenário 3, existe um menor empenhamento dos EUA na defesa do espaço Euro-Atlântico, dando aos Aliados europeus uma maior responsabilidade na defesa europeia; (iv) e o cenário 4, em que os EUA deixam os Aliados europeus entregues a si próprios, podendo, eventualmente, estabelecer acordos bilaterais com alguns países para a garantia da sua defesa.



## 5. Conclusões

Passados 72 anos da fundação da NATO, a Aliança enfrenta novos desafios e ameaças que testam a sua coesão e a sua capacidade de resposta. Se a NATO tem esta longevidade, deve-se exatamente à forma como soube adaptar-se em diferentes momentos da sua história, mantendo-se fiel àquilo que é o espírito do Tratado do Atlântico.

Para a próxima década diversos desafios são objeto de preocupação para os Aliados. São as atividades híbridas e ataques cibernéticos perpetrados pela Rússia, criando tensões na sua vizinhança, a ascensão da China já com um desenvolvimento significativo do seu instrumento militar, as tecnologias emergentes e disruptivas, o terrorismo, a instabilidade a sul da fronteira da Aliança, as preocupações com o clima e a energia e o Espaço.

A defesa continua a ser a prioridade da Aliança e elemento central da estratégia global da NATO, ou seja, como prevenir o conflito e a guerra, proteger os Aliados, manter a liberdade de decisão e de ação, assumindo os princípios e valores da liberdade individual, democracia, direitos humanos e Estado de Direito. A defesa face aos novos desafios implica uma transformação na NATO por forma a manter uma vantagem competitiva, num processo que envolve colmatar lacunas e, em particular, aquelas que o ambiente em mutação ameaça criar no futuro, requerendo uma abordagem equilibrada do planeamento a médio e longo prazo.

Por forma a encontrar contributos para a transformação da NATO para a próxima década, este TII, com um objeto de estudo centrado na defesa do espaço Euro-Atlântico e no alargamento da NATO, tem como QC “Quais os contributos para a transformação da NATO na perspetiva da defesa do espaço Euro-Atlântico e do alargamento da Aliança, no período 2020-2030?”.

O método científico está sustentado num processo de raciocínio indutivo, a partir de um estudo de caso e empregando uma estratégia qualitativa. O instrumento de recolha de dados baseou-se na análise documental e na realização de entrevistas semiestruturadas direcionadas a 11 especialistas em assuntos de segurança, de defesa e da NATO.

Em termos de organização, o estudo foi dividido em cinco capítulos. Os três primeiros destinados à introdução, ao enquadramento e ao método, e os quarto e quinto capítulos para a apresentação, discussão e análise dos resultados e respostas às QD e QC e apresentação das conclusões, respetivamente.

Relativamente ao OE 1 (Analisar as possibilidades de evolução do laço transatlântico dos EUA com a Europa e no âmbito da NATO, para a defesa do espaço Euro-Atlântico) e



em resposta à QD1 que o concretiza, foram analisados os desafios colocados pela Rússia e pela China no espaço Euro-Atlântico, a instabilidade na região circundante do Mediterrâneo que afeta a fronteira sul da NATO e a postura dos Aliados europeus, conforme sistematizado no subcapítulo 4.1.. A análise documental e das entrevistas permite constatar as seguintes áreas de preocupação e intervenção da NATO:

-Tratar a Rússia com uma abordagem dupla, com um dispositivo e meios que garantam a dissuasão, e mostrar abertura ao diálogo para perceber os interesses legítimos da Rússia, que são antes de mais a sua sobrevivência. A Rússia necessita do mercado europeu e todas as relações com os membros da NATO deverão convergir para o entendimento entre todos. Este entendimento também deve privilegiar o diálogo bilateral EUA-Rússia no controlo de armamentos e na manutenção e atualização dos acordos estabelecidos;

-Procurar o diálogo no âmbito da OCX para um entendimento com a China e a Rússia e perceber a evolução da cooperação entre aqueles dois estados;

-Criar uma estrutura resiliente capaz de contrariar as atividades híbridas e cibernéticas da Rússia que são uma ameaça inaceitável para os Aliados, e fomentar a partilha de tecnologia entre os Aliados da América do Norte e os Aliados europeus;

-Aumentar o esforço na defesa por parte dos Aliados europeus, com desenvolvimento de programas estruturantes que visem melhores e mais capacidades e contrariem a obsolescência e variedade dos equipamentos, reforçando a interoperabilidade. Ajustar, ainda, o efetivo militar dos Aliados, contrariando tendências de *downsizing* que coloquem em causa a prontidão das unidades militares. Garantir o desenvolvimento e edificação de capacidades, constituindo unidades prontas e disponíveis para as operações da Aliança;

-Dialogar e promover programas de desenvolvimento com a região do Médio Oriente e Norte de África, percebendo os atores, e envolvendo a UE. A Turquia terá de ser um Aliado empenhado na boa relação com todos os outros membros e a NATO terá de gerir o rumo que a Turquia vai tomando.

-Entender a fronteira sul como a continuação da linha de defesa da Aliança, numa abordagem 360°, que permita atender ao espaço Euro-Atlântico como um todo e não apenas a fronteira leste;

-Olhar para o Ártico para antecipar futuras tensões e desenvolver meios para fazer face ao avanço da Rússia.



Relativamente ao OE 2 (Analisar as possibilidades de expansão da NATO no interior e para fora do espaço Euro-Atlântico, alargando à cooperação com outros países do Mundo e as suas implicações) e para responder à QD2 que o materializa, foram analisadas regiões suscetíveis de expansão da NATO, o Norte e Este na Europa, o Sul e a região da Ásia e Indo-Pacífico, conforme sistematizado no subcapítulo 4.2.. A análise documental e das entrevistas permite constatar implicações para a defesa do espaço Euro Atlântico em resultado da consolidação de parcerias:

- O aumento da cooperação com a UE, sincronizando o planeamento e definindo áreas geográficas de intervenção e partilha/distribuição de operações;

- A NATO é uma organização política com expressão militar. Existem áreas que a NATO necessita de trabalhar para o relacionamento com atuais e futuros parceiros. É importante o aproveitamento das áreas diplomática, económica, financeira da UE para estabelecer diálogos de segurança com as regiões vizinhas ao espaço Euro-Atlântico, e acautelar as atividades de influência da Rússia e da China;

- A definição de um diálogo claro que tenha em consideração os interesses legítimos da Aliança e dos estados, acautelando as implicações para a segurança. Incluem-se neste diálogo: Finlândia, Suécia, Geórgia, Ucrânia e Bósnia-Herzegovina;

- A consolidação da parceria com a UA para a estabilização do flanco sul. Promoção de parcerias com estados do Mediterrâneo, acautelando as características de cada um;

- O estabelecimento do diálogo com a Índia, a maior democracia do mundo;

- A consulta política com os EUA para acautelar as questões de segurança no Mar do Sul da China.

Por fim, para o OG (Formular contributos para a transformação da NATO no período de 2020-2030), traduzido na resposta à QC que o materializa, consideram-se, em síntese, os seguintes contributos: promover a cooperação NATO-UE, estreitar as parcerias a norte do espaço Euro-Atlântico, lidar com a Rússia com dissuasão e diálogo (dupla via), fomentar e desenvolver a *Smart Defence*, desenvolver as ações necessárias para a manutenção e reforço do laço transatlântico e garantir uma defesa ao longo da fronteira da Aliança, ou seja, uma abordagem 360°.

Assim, o **principal contributo para o conhecimento** deste TII resulta na sistematização de respostas da NATO face aos desafios e ameaças para o período de 2020 a 2030. Apesar de uma análise mais genérica para abordar diferentes perspetivas e regiões,



procurou-se centrar a análise na defesa do espaço Euro-Atlântico e possíveis alargamentos, por forma a encontrar um modelo de perspetiva futura para a NATO e seus Aliados.

Todavia, este TII encerra duas **limitações**. A primeira, resulta de um período curto em análise, apenas dez anos, em que a situação pandémica atual da Covid-19 poderá, muito previsivelmente, adiar muitos processos, e atrasar opções de investimento. O resultado poderá ficar por constrangimentos nos programas de investigação e desenvolvimentos virados para a vertente militar, e até, nos programas de modernização de forças. A segunda, prende-se com a mudança no início de 2021 da Administração dos EUA, onde apenas só existem discursos de intenções do governo dos EUA, havendo, para já, poucas tendências observáveis acerca de um rumo da política americana. Acresce a isto, a possibilidade de uma redefinição da política norte-americana no contexto das eleições presidenciais de 2024, ano de compromissos no esforço de investimento na defesa por parte dos Aliados.

Em termos de **estudos futuros**, recomenda-se a continuação da investigação noutras linhas de investigação como: a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) e a NATO e o Atlântico Sul e a NATO.

Como **recomendação de ordem prática**, propõe-se que o Conceito Estratégico da NATO, assim que for aprovado, seja objeto de escrutínio pelo modelo apresentado no fluxograma, em que os objetivos traçados no Conceito Estratégico sejam verificados por forma a entender o caminho de futuro, ou até, qual o cenário que tem maior probabilidade de se alinhar com os objetivos da NATO.



## Referências Bibliográficas

- Allied Command Transformation (ACT). (2020). *Regional Perspectives Report on North Africa and Sahel: Strategic Foresight Analysis*. Retirado de: [https://www.act.nato.int/application/files/6016/1376/3518/SFA\\_Regional\\_Perspectives\\_Report\\_on\\_North\\_Africa\\_and\\_the\\_Sahel\\_final\\_print.pdf](https://www.act.nato.int/application/files/6016/1376/3518/SFA_Regional_Perspectives_Report_on_North_Africa_and_the_Sahel_final_print.pdf)
- Allied Command Transformation (ACT). (2021). *Regional Perspectives Report on Russia: Strategic Foresight Analysis*. Retirado de: <https://www.act.nato.int/application/files/9816/1350/4281/regional-perspectives-2021-01.pdf>
- Andersson, K. (2020). *Notes on military capability concepts and their relevance for analysis of system characteristics*. Retirado de: <http://www.diva-portal.org/smash/get/diva2:1473159/FULLTEXT01.pdf>
- Archick, K. (2020). *Transatlantic Relations: U.S. Interests and Key Issues*. Retirado de: <https://crsreports.congress.gov/R45745>
- Balão, S. (2012). *A PESC, a PESD, a PCSD e a definição da Estratégia da UE para o Ártico*. *Debater a Europa*, pp. 169-206. Retirado de: <https://www.researchgate.net/publication/282020022>
- Belkin, P. (2019). *Assessing NATO's Value*. Retirado de: <https://crsreports.congress.gov/R45652>
- Bin, L., & Zhao, T. (2016). *Understanding Chinese Nuclear Thinking*. Washington, DC: Carnegie Endowment for International Peace.
- Binnendijk, H., & Kirchberger, S. (2021). *The China plan: A transatlantic blueprint for strategic competition*. Retirado de: <https://www.atlanticcouncil.org/wp-content/uploads/2021/03/The-China-Plan-A-Transatlantic-Blueprint.pdf>
- Bond, I. (2017b). *Contested Space: Eastern Europe Between Russia And The EU*. Retirado de: [https://www.cer.eu/sites/default/files/pb\\_eastern\\_part\\_IB\\_9march17.pdf](https://www.cer.eu/sites/default/files/pb_eastern_part_IB_9march17.pdf)
- Brustlein, C. (2019). *Mutual Reinforcement: CSDP and NATO in the Face of Rising Challenges*. Paris: Ifri.
- Calmels, C. (2020). *NATO's 360-degree approach to security: alliance cohesion and adaptation after the Crimean crisis*. Retirado de: <https://samuelbhfauredotcom.files.wordpress.com/2020/09/calmels-2020.pdf>



- Cesare, M. (2020). *Russian Encroachment in the Baltics: The Role of Russian Media and Military*. Retirado de: <https://www.fpri.org/article/2020/12/russian-encroachment-in-the-baltics-the-role-of-russian-media-and-military-2/>
- Couto, A. C. (1988). *Elementos de Estratégia*. Lisboa: Instituto de Altos Estudos Militares.
- Couto, A. C. (2014). *Estudos de Homenagem a Abel Cabral Couto*. Lisboa: Instituto de Estudos Superiores Militares.
- Congressional Research Service (CRS). (2020). *F-35 Joint Strike Fighter (JSF) Program*. Retirado de: <https://crsreports.congress.gov/RL30563>
- Congressional Research Service (CRS). (2021a). *Coast Guard Polar Security Cutter (Polar Icebreaker) Program: Background and Issues for Congress*. Retirado de: <https://crsreports.congress.gov/RL34391>
- Congressional Research Service (CRS). (2021b). *Renewed Great Power Competition: Implications for Defense — Issues for Congress*. Retirado de: <https://crsreports.congress.gov/R43838>
- Congressional Research Service (CRS). (2021c). *Nonstrategic Nuclear Weapons*. Retirado de: <https://crsreports.congress.gov/RL32572>
- Crawford, N. C. (2019). *United States Budgetary Costs and Obligations of Post-9/11 Wars through FY2020: \$6.4 Trillion*. Retirado de: <https://watson.brown.edu/costsofwar/files/cow/imce/papers/2019/US%20Budgetary%20Costs%20of%20Wars%20November%202019.pdf>
- Czulda, R., & Lós, R. (2013). *NATO Towards the Challenges of Contemporary World*. Warsaw: University of Lodz.
- Departamento de Estado dos EUA. (2021). *The Baghdad Pact (1955) and the Central Treaty Organization (CENTO)*. Retirado de: <https://2001-2009.state.gov/r/pa/ho/time/lw/98683.htm>
- European Defence Agency (EDA). (2018a). *Capability Development Plan*. Retirado de: <https://eda.europa.eu/what-we-do/all-activities/activities-search/capability-development-plan#>
- European Defence Agency (EDA). (2018b). *Capability Development Plan*. Retirado de: [https://eda.europa.eu/docs/default-source/eda-factsheets/2018-06-28-factsheet\\_cdpb020b03fa4d264cfa776ff000087ef0f](https://eda.europa.eu/docs/default-source/eda-factsheets/2018-06-28-factsheet_cdpb020b03fa4d264cfa776ff000087ef0f)
- Figueiredo, J. (2020). *2035 Odisseia no Ártico*. Expresso N.º2501, 28-29.



- Geopolitical Intelligence Services (GIS). (2017). *Debate: What China's new Silk Road means for Europe*. Retirado de: <https://www.gisreportsonline.com/debate-what-chinas-new-silk-road-means-for-europe,politics,2425.html>
- Gomez, E., Preble, C., Sander, L., & Valeriano, B. (2020). *Building a Modern Military: The Force Meets Geopolitical Realities*. Washington DC: Cato Institute.
- Gonçalves, S. P., Gonçalves, J. P., & Marques, C. G. (2021). *Manual de Investigação Qualitativa: Conceção, Análise e Aplicações*. Lisboa: Pactor.
- Gray, C. S. (2007). *War, Peace and International Relations: An Introduction to Strategic History*. London: Routledge.
- Hamilton, D. S., & Meister, S. (2016). *The Eastern Question: Russia, the West, and Europe's Grey Zone*. Washington DC: Center for Transatlantic Relations, John Hopkins University.
- Insider. (2017). *These will be the 32 most powerful economies in 2030*. Retirado de: <https://www.businessinsider.com/ranked-pwc-predicts-the-most-powerful-economies-in-2030-2017-2>
- Insights. (2020). *Regional priorities: On the SCO summit*. Retirado de: <https://www.insightsonindia.com/2020/12/08/insights-into-editorial-regional-priorities-on-the-sco-summit/>
- International Institute for Strategic Studies (IISS). (2021). *The Military Balance 2021: The Annual Assessment of Global Military Capabilities and Defence Economics*. London: Routledge.
- Ivanov, I. D. (2011). *Transforming NATO: New Allies, Missions, and Capabilities*. Plymouth: Lexington Books.
- Kaplan, R. D. (2012). *The Revenge of Geography: What the Map Tells Us About Coming Conflicts and the Battle Against Fate*. New York: Random House.
- Keller, P. (2017). *A New Strategic Concept for NATO*. Retirado de: <https://www.aei.org/wp-content/uploads/2017/09/A-New-Strategic-Concept-for-NATO.pdf>
- Kilcullen, D. (2020). *The Dragons and the Snakes: How the Rest Learned to Fight the West*. New York: Oxford University Press.
- Koenig, N. (2020). *The EU's strategic compass for security and defence: just another paper?* Retirado de: [39](https://hertieschool-</a></p></div><div data-bbox=)



- f4e6.kxcdn.com/fileadmin/2\_Research/1\_About\_our\_research/2\_Research\_centres/6\_Jacques\_Delors\_Centre/Publications/20200710\_Strategic\_Compass\_Koenig.pdf
- London, B. (2021). *China has built the world's largest navy. Now what's Beijing going to do with it?* Retirado de: <https://edition.cnn.com/2021/03/05/china/china-world-biggest-navy-intl-hnk-ml-dst/index.html>
- Lindgren, M., & Bandhold, H. (2009). *Scenario Planning: The Link Between Future and Strategy*. New York: Palgrave Macmillan.
- List, J. (2021). *Balcãs: A Guerra dos Gasodutos*. Courrier Internacional N.º301, pp. 18-19.
- Lösing, S. (2017). *360°-NATO: Mobilization on all Fronts*. Tübingen: Informationsstelle Militarisation e. V.
- Lute, D., & Burns, N. (2019). *NATO at Seventy: An Alliance in Crisis*. Retirado de: <https://www.belfercenter.org/NATO70>
- Marshall, T. (2016). *Prisoners of Geography: Ten maps that tell you everything you need to know about global politics*. London: Elliott and Thompson Limited.
- Nações Unidas (NU). (2021). *Shanghai Cooperation Organization*. Retirado de: <https://dppa.un.org/en/shanghai-cooperation-organization>
- North Atlantic Treaty Organization (NATO). (2001). *NATO Handbook*. Brussels: NATO Office of Information and Press.
- North Atlantic Treaty Organization (NATO). (2006). *NATO Handbook*. Brussels: Public Diplomacy Division.
- North Atlantic Treaty Organization (NATO). (2009). *The Harmel Report*. Retirado de: [http://www.bits.de/NRANEU/nato-strategy/Harmel\\_Report\\_complete.pdf](http://www.bits.de/NRANEU/nato-strategy/Harmel_Report_complete.pdf)
- North Atlantic Treaty Organization (NATO). (2012). *Active Engagement, Modern Defence: Strategic Concept for the Defence and Security of the Members of the North Atlantic Treaty Organization*. Retirado de: [https://www.nato.int/nato\\_static\\_fl2014/assets/pdf/pdf\\_publications/20120214\\_strategic-concept-2010-eng.pdf](https://www.nato.int/nato_static_fl2014/assets/pdf/pdf_publications/20120214_strategic-concept-2010-eng.pdf)
- North Atlantic Treaty Organization (NATO). (2014). *Wales Summit Declaration*. Retirado de: [https://www.nato.int/cps/en/natohq/official\\_texts\\_112964.htm](https://www.nato.int/cps/en/natohq/official_texts_112964.htm)
- North Atlantic Treaty Organization (NATO). (2015a). *Statement by NATO Defence Ministers*. Retirado de: [https://www.nato.int/cps/en/natohq/news\\_121133.htm](https://www.nato.int/cps/en/natohq/news_121133.htm)



- North Atlantic Treaty Organization (NATO). (2015b). *Statement by NATO Defence Ministers*. Retirado de: [https://www.nato.int/cps/en/natohq/news\\_121133.htm?selectedLocale=en](https://www.nato.int/cps/en/natohq/news_121133.htm?selectedLocale=en)
- North Atlantic Treaty Organization (NATO). (2015c). *What is Transformation? An Introduction to Allied Command Transformation*. Norfolk: NATO ACT.
- North Atlantic Treaty Organization (NATO). (2017). *Smart Defence*. Retirado de: [https://www.nato.int/cps/en/natolive/topics\\_84268.htm](https://www.nato.int/cps/en/natolive/topics_84268.htm)
- North Atlantic Treaty Organization (NATO). (2018a). *Framework for Future Alliance Operations 2018 Report*. Retirado de: [https://www.act.nato.int/images/stories/media/doclibrary/180514\\_ffao18.pdf](https://www.act.nato.int/images/stories/media/doclibrary/180514_ffao18.pdf)
- North Atlantic Treaty Organization (NATO). (2018b). *NATO Defence Planning Process*. Retirado de: [https://www.nato.int/cps/en/natolive/topics\\_49202.htm](https://www.nato.int/cps/en/natolive/topics_49202.htm)
- North Atlantic Treaty Organization (NATO). (2018c). *NATO Readiness Initiative*. Retirado de: [https://www.nato.int/nato\\_static\\_fl2014/assets/pdf/pdf\\_2018\\_06/20180608\\_1806-NATO-Readiness-Initiative\\_en.pdf](https://www.nato.int/nato_static_fl2014/assets/pdf/pdf_2018_06/20180608_1806-NATO-Readiness-Initiative_en.pdf)
- North Atlantic Treaty Organization (NATO). (2019a). *London Declaration*. Retirado de: [https://www.nato.int/cps/en/natohq/official\\_texts\\_171584.htm](https://www.nato.int/cps/en/natohq/official_texts_171584.htm)
- North Atlantic Treaty Organization (NATO). (2019b). *NATO and the INF Treaty*. Retirado de: [https://www.nato.int/cps/en/natohq/topics\\_166100.htm](https://www.nato.int/cps/en/natohq/topics_166100.htm)
- North Atlantic Treaty Organization (NATO). (2020a). *AAP-06 Edition 2020 NATO Glossary of Terms and Definitions*. Retirado de: <http://nso.nato.int>
- North Atlantic Treaty Organization (NATO). (2020b). *Boosting NATO's presence in the east and southeast*. Retirado de: [https://www.nato.int/cps/en/natohq/topics\\_136388.htm](https://www.nato.int/cps/en/natohq/topics_136388.htm)
- North Atlantic Treaty Organization (NATO). (2020c). *Cooperation with the African Union*. Retirado de: [https://www.nato.int/cps/en/natohq/topics\\_8191.htm](https://www.nato.int/cps/en/natohq/topics_8191.htm)
- North Atlantic Treaty Organization (NATO). (2020d). *Defence Expenditure of NATO Countries (2013-2020)*. Retirado de: [https://www.nato.int/nato\\_static\\_fl2014/assets/pdf/2020/10/pdf/pr-2020-104-en.pdf](https://www.nato.int/nato_static_fl2014/assets/pdf/2020/10/pdf/pr-2020-104-en.pdf)
- North Atlantic Treaty Organization (NATO). (2020e). *Deterrence and Defence*. Retirado de: [https://www.nato.int/cps/en/natohq/topics\\_133127.htm](https://www.nato.int/cps/en/natohq/topics_133127.htm)



- North Atlantic Treaty Organization (NATO). (2020f). *NATO 2030: United for a New Era - Analysis and Recommendations of the Reflection Group Appointed by the NATO Secretary General*. Retirado de: [https://www.nato.int/nato\\_static\\_fl2014/assets/pdf/2020/12/pdf/201201-Reflection-Group-Final-Report-Uni.pdf](https://www.nato.int/nato_static_fl2014/assets/pdf/2020/12/pdf/201201-Reflection-Group-Final-Report-Uni.pdf)
- North Atlantic Treaty Organization (NATO). (2020g). *NATO's Enhanced Forward Presence*. Retirado de: [www.nato.int/factsheets:https://www.nato.int/nato\\_static\\_fl2014/assets/pdf/2020/10/pdf/2010-factsheet\\_efp\\_en.pdf](https://www.nato.int/factsheets:https://www.nato.int/nato_static_fl2014/assets/pdf/2020/10/pdf/2010-factsheet_efp_en.pdf)
- North Atlantic Treaty Organization (NATO). (2020h). *Partnerships: projecting stability through cooperation*. Retirado de: [https://www.nato.int/cps/en/natohq/topics\\_84336.htm](https://www.nato.int/cps/en/natohq/topics_84336.htm)
- North Atlantic Treaty Organization (NATO). (2020i). *Readiness Action Plan*. Retirado de: [https://www.nato.int/cps/en/natohq/topics\\_119353.htm](https://www.nato.int/cps/en/natohq/topics_119353.htm)
- North Atlantic Treaty Organization (NATO). (2021). *What was the Warsaw Pact?* Retirado de: [https://www.nato.int/cps/us/natohq/declassified\\_138294.htm](https://www.nato.int/cps/us/natohq/declassified_138294.htm)
- Nuclear Threat Initiative (NTI). (2021). *Treaty between the United States Of America and the Russian Federation on Measures for the Further Reduction and Limitation of Strategic Offensive Arms (New START)*. Retirado de: <https://www.nti.org/learn/treaties-and-regimes/treaty-between-the-united-states-of-america-and-the-russian-federation-on-measures-for-the-further-reduction-and-limitation-of-strategic-offensive-arms/>
- Odgaard, L. (2014). *Strategy in NATO: Preparing for an Imperfect World*. New York: Palgrave MacMillan.
- Ondrejcsák, R., & Lippert, T. H. (2019). *NATO at 70: Outline of the Alliance Today and Tomorrow*. Bratislava: Stratpol.
- Organização para a Segurança e Cooperação na Europa (OSCE). (1990). *Treaty on Conventional Armed Forces in Europe*. Retirado de: <https://www.osce.org/files/f/documents/4/9/14087.pdf>
- Pereira, P. E. (2014). *As Relações NATO - União Africana e a Resolução de Conflitos no Continente Africano*. (Trabalho de Investigação Individual do CPOG 2013/14). Lisboa: IUM.



- Posen, B. R. (2014). *Restraint: A New Foundation for U.S. Grand Strategy*. Ithaca: Cornell University Press.
- Rego, A., Cunha, M. P., & Meyer, V. (2019). *Quantos participantes são necessários para um estudo qualitativo? Linhas práticas de orientação*. *Revista de Gestão dos Países de Língua Portuguesa*, pp. 43-57. <https://doi.org/10.12660/rgplp.v17n2.2018.78224>
- Romaniello, F. (2020). *F-35: Which Countries Use The Aircraft?* Retirado de: <https://www.forces.net/news/f-35-which-countries-use-aircraft>
- Santamato, S., & Beumler, M.-T. (2013). *The New NATO Policy Guidelines on Counterterrorism: Analysis, Assessments, and Actions*. Retirado de: <https://inss.ndu.edu/Portals/68/Documents/stratperspective/inss/Strategic-Perspectives-13.pdf>
- Santos, L., & Lima, J. (2019). *Orientações Metodológicas para a Elaboração de Trabalhos de Investigação* (2ª ed.). Lisboa: CIDIUM.
- Sarmiento, M. (2013). *Metodologia Científica para Elaboração, Escrita e Apresentação de Teses*. Lisboa: Universidade Lusíada Editora.
- Schake, K., & Pepe, E. (Abril de 2019). *70 years of NATO: the strength of the past, looking into the future*. Retirado de: <https://www.ndc.nato.int/news/news.php?icode=1299>
- Schroeder, W. A. (2019). *NATO at seventy: Filling NATO's critical defense-capability gaps*. Retirado de: [https://www.atlanticcouncil.org/wp-content/uploads/2019/04/NATO\\_at\\_Seventy-Filling\\_NATOs\\_Critical\\_Defense-Capability\\_Gaps.pdf](https://www.atlanticcouncil.org/wp-content/uploads/2019/04/NATO_at_Seventy-Filling_NATOs_Critical_Defense-Capability_Gaps.pdf)
- Schuette, L. A. (2021). *Toward a meaningful metric: replacing NATO's 2% defence spending target*. Retirado de: <https://www.egmontinstitute.be/content/uploads/2021/03/spb-schuette-final-3.pdf?type=pdf>
- Serronha, M. (2010). *O Novo Conceito Estratégico da Organização do Tratado do Atlântico Norte: Uma Aliança para o século XXI*. (Trabalho de Investigação Individual do CPOG 2009/10). Lisboa: IESM.
- Shlapak, D. A., & Johnson, M. (2016). *Reinforcing Deterrence on NATO's Eastern Flank: Wargaming the Defense of the Baltics*. Retirado de: [https://www.rand.org/pubs/research\\_reports/RR1253.html](https://www.rand.org/pubs/research_reports/RR1253.html)



- Skaluba, C. (2020). *NATO 20/2020 Twenty Bold Ideas to Reimagine the Alliance After the 2020 U.S. Election*. Retirado de: <https://www.atlanticcouncil.org/wp-content/uploads/2020/10/NATO-20-2020-Final-Volume.pdf>
- Stadtländer, C. T.-H. (2020). *Sustainable Shipping in a Changing Arctic*. Retirado de: [https://www.researchgate.net/figure/Various-arctic-shipping-routes-that-are-opening-up-due-to-the-reduction-of-Arctic-Ocean\\_fig1\\_338597422](https://www.researchgate.net/figure/Various-arctic-shipping-routes-that-are-opening-up-due-to-the-reduction-of-Arctic-Ocean_fig1_338597422)
- Stoltenberg, J. (2021). *The Secretary General's Annual Report 2020*. Retirado de: [https://www.nato.int/nato\\_static\\_fl2014/assets/pdf/2021/3/pdf/sgar20-en.pdf](https://www.nato.int/nato_static_fl2014/assets/pdf/2021/3/pdf/sgar20-en.pdf)
- Svárovský, M. (2020). *NATO Relevance on Both Sides of the Atlantic*. Retirado de: <https://www.rigaconference.lv/wp-content/uploads/NATO-Relevance-of-Both-Sides-of-Atlantic.pdf>
- The Economist. (2018). *Using clever technology to keep enemies at bay*. Retirado de: <https://www.economist.com/special-report/2018/01/25/using-clever-technology-to-keep-enemies-at-bay>
- The Economist. (2020a). *Competition, sanctions and the new geopolitics of Russian gas*. Retirado de: <https://www.economist.com/finance-and-economics/2020/01/23/competition-sanctions-and-the-new-geopolitics-of-russian-gas>
- The Economist. (2020b). *A row between Turkey and Greece over gas is raising tension in the eastern Mediterranean*. Retirado de: <https://www.economist.com/international/2020/08/20/a-row-between-turkey-and-greece-over-gas-is-raising-tension-in-the-eastern-mediterranean>
- Tierney, J. (2020). *Reviving SEATO*. Retirado de: <https://www.iwp.edu/articles/2020/08/25/reviving-seato/>
- União Europeia (UE). (2016). *Shaping of a Common Security and Defence Policy*. Retirado de: [https://eeas.europa.eu/topics/common-security-and-defence-policy-csdp/5388/shaping-of-a-common-security-and-defence-policy\\_en](https://eeas.europa.eu/topics/common-security-and-defence-policy-csdp/5388/shaping-of-a-common-security-and-defence-policy_en)
- Xuanzun, L. (2021). *China hikes defense budget by 6.8 % in 2021, faster than 6.6% growth last year*. Retirado de: <https://www.globaltimes.cn/page/202103/1217416.shtml>



## Apêndice A - Corpo de conceitos

**Abordagem 360°** - Os Ministros da Defesa dos países da NATO apresentaram uma narrativa para a NATO, para enfrentar todos os desafios a Leste e a Sul, a NATO continua a fornecer uma abordagem de 360 graus para dissuadir as ameaças e, se necessário, defender os Aliados contra qualquer adversário (NATO, 2015b) e (Lösing, 2017, p. 6). A Aliança não só testemunha um comportamento agressivo russo recorrente nas suas fronteiras, mas também enfrenta ações terroristas na Europa, Médio Oriente e África, pelo que o papel da Aliança na projeção da estabilidade será guiado por princípios duradouros, incluindo uma abordagem de 360° (Calmels, 2020, p. 1).

**Acordos Berlim Mais (*Berlin Plus*)** – os acordos "Berlim Mais", adotados em 17 de março de 2003, fornecem o base para a cooperação NATO-UE na gestão de crises, permitindo à UE às capacidades e meios coletivos da NATO para missões lideradas pela UE. Permite que a Aliança apoie as operações lideradas pela UE nas quais a NATO como um todo não está empenhada (UE, 2016).

**Ameaças e desafios** - Para Cabral Couto (1988, p. 329), uma ameaça é qualquer acontecimento ou ação, em curso ou previsível, que contraria a consecução de um objetivo e que, normalmente, é causador de danos, materiais ou morais. Acrescenta, ainda, que uma ameaça é o produto de uma possibilidade por uma intenção. Para Colin Gray (2007, p. 254) o desafio estratégico para um ator é como se deve comportar, ou provocar um comportamento indesejado num adversário, para mudar a vantagem a seu favor.

**Anti-acesso/negação de área (*anti-access/area denial*) (A2/AD)** - um conceito operacional que limita a capacidade de um oponente usar o poder aéreo, naval e terrestre à distância. Normalmente, implica o uso de sensores terrestres e sistemas de ataque de precisão contra alvos do oponente como navios, aeronaves e bases militares (Gomez, Preble, Sander, & Valeriano, 2020, p. 26).

**Artigo 5.º do tratado da NATO** - "As Partes concordam em que um ataque armado contra uma nação aliada ou várias delas na Europa ou na América do Norte será considerado um ataque a todas, e, conseqüentemente, concordam em que, se um tal ataque armado se verificar, cada uma, no exercício do direito de legítima defesa, individual ou coletiva, reconhecido pelo artigo 51.º da Carta das Nações Unidas, prestará assistência à parte ou partes assim atacadas (...)" (NATO, 2001, p. 528).

**Capability Development Plan (CDP) (Plano de Desenvolvimento de Capacidades)** - É um método de planeamento abrangente que fornece uma imagem das capacidades militares europeias ao longo do tempo. Pode ser utilizado pelos planeadores de defesa dos estados membros na identificação de prioridades e oportunidades de cooperação (EDA, 2018a). Adicionalmente, aborda os desafios da segurança e da defesa na perspetiva do desenvolvimento da capacidade europeia, tem em atenção o futuro ambiente operacional e define as prioridades de desenvolvimento da capacidade da UE acordadas pelos estados membros (EDA, 2018b).

**Capacidade** – é a aptidão de criar um efeito através do emprego de um conjunto integrado de aspetos categorizados como doutrina, organização, formação, material, desenvolvimento de liderança, pessoal, instalações e interoperabilidade (NATO, 2020a, p. 23) e (Andersson, 2020, p. 3).

**Ciberataque** - Um ato ou ação iniciada no ciberespaço para causar danos comprometendo a comunicação, informação ou outros sistemas eletrónicos, ou a informação que é armazenada, processada ou transmitida nestes sistemas (NATO, 2018a).



**Consulta** - Trocar pontos de vista e deliberar entre as mais altas autoridades da Aliança e dos países membros com o objetivo de harmonizar posições e formular recomendações sobre questões de interesse comum (NATO, 2018a).

**Defesa Coletiva** – Dissuasão e defesa contra qualquer ameaça de agressão, e contra desafios de segurança emergentes onde se ameça a segurança fundamental de cada Aliado ou da Aliança como um todo (NATO, 2018a).

**Estratégia** - é “a ciência e a arte de desenvolver e utilizar as forças morais e materiais de uma unidade política ou coligação, afim de se atingirem objetivos políticos que suscitam, ou podem suscitar, a hostilidade de uma outra vontade política” (Couto, 1988, p. 209), tendo o conceito sido atualizado para a ciência e a arte da dialética das vontades na consecução de objetivos num sistema político-social complexo (Couto, 2014). Ao nível das estratégias gerais (económica, militar) situa-se a charneira entre a conceção e a execução, isto é, entre aquilo que se quer ou deve fazer e aquilo que as condições técnicas e as possibilidades materiais permitem fazer, podendo-se distinguir na estratégia, os aspetos operacionais (ligados à utilização dos meios), os aspetos genéticos (relacionados com a geração e criação de novos meios) e os aspetos estruturais (correspondentes à composição, organização ou articulação dos meios) (Couto, 1988, p. 230).

**Estratégia estrutural** – tem por objetivo a deteção e análise das vulnerabilidades (ou pontos fracos e das potencialidades das estruturas existentes, com vista à definição das medidas mais adequadas, incluindo a criação de novas estruturas, que conduzam à eliminação ou atenuação das vulnerabilidades, a um reforço das potencialidades e, em última análise, a um melhor rendimento dos meios ou recursos (Couto, 1988, p. 230).

**Estratégia genética** - tem por objeto a invenção, construção ou obtenção de novos meios, a colocar à disposição da estratégia operacional, no momento adequado, e que sirvam o conceito estratégico adotado e tendo em atenção a evolução previsível da conjuntura. (Couto, 1988, p. 232).

**Estratégia operacional** - trata da conceção e execução da manobra estratégica ao nível dos grandes subordinados (caso, na estratégia militar, dos responsáveis pelos teatros de guerra e teatros de operações) (Couto, 1988, p. 231).

**Gestão de Crises** – Ações coordenadas tomadas para diminuir que situações de crise escalem para conflito armado e desejo de hostilidade (NATO, 2018a).

**Guerra Híbrida** - Os atores estatais hostis usarão uma combinação de meios convencionais e não convencionais para evitar serem diretamente responsabilizados pelas suas ações, mantendo ao mesmo tempo a opção de empregar forças convencionais, se diretamente ameaçadas. Uma das principais características da guerra híbrida é que muitas vezes visa alavancar todos os elementos de poder, limitando o conflito abaixo do limiar da guerra convencional, complicando assim a utilização oportuna e eficaz de mecanismos de defesa coletiva (NATO, 2018a).

**Intermediate-Range Nuclear Forces Treaty (INF)** – Acordo assinado entre os EUA e a União Soviética em que estes estados se comprometiam a eliminar os seus mísseis balísticos e de cruzeiro lançados do solo, com alcance entre 500 e 5.500 quilómetros (NATO, 2019b).

**Interoperabilidade** – A capacidade de agir em conjunto de forma coerente, eficaz e eficiente para atingir objetivos táticos, operacionais e estratégicos, ou a capacidade das forças militares de treinar, exercer e operar eficazmente em conjunto na execução de missões e tarefas atribuídas (NATO, 2018a).

**NATO Defence Planning Process (NDPP) (Processo de Planeamento de Defesa da NATO)** – As atividades nacionais e de planeamento de defesa da Aliança podem ser harmonizadas de modo a permitir aos Aliados fornecerem as forças e as capacidades necessárias de forma mais eficaz. Deve facilitar a identificação, o desenvolvimento e a entrega, oportunas, das diversas forças necessárias cumprindo o seguinte: são interoperáveis e devidamente preparadas, equipadas, treinadas e



apoiadas, bem como, têm as capacidades para empreender todo o espectro de missões da Aliança (NATO, 2018b).

**NATO-Russia Council (Conselho NATO-Rússia)** – É um mecanismo de consulta, de cooperação e de decisão e ação conjuntas. Neste conselho, os estados membros da NATO e a Rússia trabalham como parceiros iguais num vasto leque de questões de segurança de interesse comum (NATO, 2006, pp. 210-211)

**Plano de Ação de Prontidão da NATO (NATO's Readiness Action Plan (RAP))** – Este plano inclui o aumento da atividade militar na parte oriental da Aliança, em vigor desde maio de 2014 (medidas de garantia – *Assurance Measures*), e alterações a longo prazo na postura de força da NATO (medidas de adaptação – *Adaptation Measures*). Isto é, *Assurance Measures* - aumento da presença militar e atividade de garantia e dissuasão inicialmente na parte oriental da Aliança, e medidas adaptadas à Turquia desde dezembro de 2015 - uma nova demonstração da determinação dos Aliados em reagir rápida e decisivamente quando necessário. *Adaptation Measures* - alterações à postura militar de longo prazo da Aliança e capacidades que lhe permitam responder mais rapidamente a emergências onde quer que surjam (NATO, 2020i).

**Segurança Cooperativa** – Envolvimento ativo no reforço da segurança internacional, através de parceria com países relevantes e outras organizações internacionais, contribuindo ativamente para o controlo de armamentos, a não proliferação e o desarmamento (NATO, 2018a).

**Smart Defence** – é uma forma cooperativa de gerar capacidades de defesa modernas de que a Aliança necessita, de maneira mais rentável, eficaz e coerente (NATO, 2017).

**Strategic Arms Reduction Treaty (START)** – Acordo entre os EUA e a Rússia que limita a 1.550 ogivas estratégicas operacionais para cada um (*The Nuclear Threat Initiative (NTI)*, 2021).

**Treaty on Conventional Armed Forces in Europe (CFE) (Tratado sobre as Forças Convencionais na Europa)** – Tratado do período da Guerra Fria, estabelecido entre a NATO e a Organização do Tratado de Varsóvia, com os seguintes objetivos: estabelecer um equilíbrio seguro e estável das forças armadas convencionais na Europa; eliminar as disparidades prejudiciais à estabilidade e à segurança; e eliminar a capacidade para lançar um ataque surpresa, iniciando uma ação ofensiva em larga escala na Europa (Organização para a Segurança e Cooperação na Europa (OSCE), 1990).

**Apêndice B - Lista de entrevistados e guião da entrevista**

Tabela 13 – Lista de entrevistados

	<b>Entrevistado/cargo ou situação</b>	<b>Tipo de entrevista</b>	<b>Data da entrevista</b>
1	Tenente-Coronel Francisco Proença Garcia/Professor e desempenhou funções no Quartel-General da NATO.	VTC	2 fevereiro 2021
2	Major-General Carlos Martins Branco/Investigador e desempenhou funções no Quartel-General da NATO.	VTC	4 fevereiro 2021
3	General Luís Valença Pinto/Professor e foi Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas (CEMGFA).	VTC	8 fevereiro 2021
4	Professor Armando Marques Guedes/Professor do IUM.	VTC	11 fevereiro 2021
5	Dr. James McKay/Professor de Ciência Política no <i>Royal Military College of Canada</i> .	Por e-mail	12 fevereiro 2021
6	Embaixador João Mira Gomes/Embaixador em Madrid e foi Representante Permanente de Portugal junto da NATO.	VTC	15 fevereiro 2021
7	Brigadeiro-General Nuno Lemos Pires/SubDiretor da Direção-Geral de Política de Defesa Nacional (DGPDN) e desempenhou funções num Comando da NATO.	VTC	16 fevereiro 2021
8	Tenente-Coronel Alexandre Carriço/Consultor e desempenhou funções no Instituto de Defesa Nacional, na Área dos Estudos da Ásia-Pacífico.	VTC	17 fevereiro 2021
9	Tenente-General António Fontes Ramos/Professor e desempenhou funções no Quartel-General da NATO.	VTC	2 março 2021
10	Dr. Nuno Rogeiro/Jornalista e especialista em assuntos de segurança e defesa.	Por e-mail	4 março 2021
11	Gabinete do <i>Deputy Chief of Staff (DCOS) do Strategic Plans and Policy (SPP) – NATO Allied Command Transformation</i> .	Por e-mail	15 março 2021

VTC – *video teleconferencing capability (entrevista conduzida de forma telemática)*. Por-email – *Entrevista com troca de correspondência eletrónica*.

**Questões da Entrevista****Parte I**

**Questão 1:** O comportamento da Rússia com diversas atividades híbridas e cibernéticas, bem como as suas intervenções no Médio Oriente e no Ártico, tem provocado instabilidade nas fronteiras dos Membros da NATO. Os problemas com o controlo de armamentos também não são alheios a esta posição da Rússia. Como deve atuar a NATO para conter a postura da Rússia?

**Questão 2:** Na Cimeira de Londres de 2019 foi reconhecido o desafio que representa a China para a NATO. A expansão da China e a sua interferência no espaço Euro-Atlântico, mesmo com atividades militares, pode desafiar a coesão dos Aliados. A sua



estratégia da Fusão Civil-Militar e o seu desenvolvimento tecnológico colocam à prova as capacidades da NATO. Como deve atuar a NATO para conter a postura da China?

**Questão 3:** Nos últimos anos os EUA têm dado menor importância à Aliança e apontado aos seus Aliados europeus maior responsabilidade no esforço da defesa da Aliança. Qual deverá ser o papel dos EUA dentro da NATO e na defesa do espaço Euro-Atlântico?

**Questão 4:** A instabilidade na região do Médio Oriente e Norte de África cria problemas de segurança no flanco sul da Aliança, visível nos movimentos migratórios e em atividades terroristas, e provocando situações de desentendimento entre os Aliados. Que medidas deverão ser adotadas pela Aliança para garantir a sua defesa face a esta instabilidade?

## *Parte II*

**Questão 5:** A maior parte dos Membros da NATO são também membros da UE. De que forma poderá ser potenciada esta situação com consequências na defesa do espaço Euro-Atlântico? Poderá passar pela partilha de capacidades e de operações militares? Que cuidados nas opções políticas deverão ser atendidos?

**Questão 6:** No seu entender deverá haver um maior esforço da NATO em aumentar as suas relações com as organizações internacionais na região do Médio Oriente e Norte de África? Que organizações e/ou Estados deverão ser privilegiados?

**Questão 7:** A NATO tem parcerias com países da Ásia-Pacífico (Austrália, Japão, Nova Zelândia e República da Coreia) e pretende uma parceria com a Índia. Qual o impacto para a NATO desta abertura no Índico e que ganhos se obtêm no âmbito da segurança do espaço Euro-Atlântico?

Existem outras parcerias não referidas anteriormente que possam ser consideradas pela Aliança?

## *Questão transversal*

**Questão 8:** No seu entender que contributos considera relevantes para a transformação da NATO para o horizonte 2030, quer na perspetiva da defesa do espaço Euro-Atlântico quer na perspetiva do alargamento da Aliança?



## Apêndice C – Elaboração dos cenários

O Processo TAIDA (*Tracking, Analysing, Imaging, Deciding, Acting*) é uma ferramenta que apoia na identificação de futuros alternativos (Lindgren & Bandhold, 2009, p. 39). Consiste nos seguintes passos: rastrear mudanças e sinais de ameaças e oportunidades (*tracking*); analisar as consequências e gerar cenários (*analysing*); identificar possibilidades e gerar visões do que é desejado (*imaging*); avaliar a informação e identificar escolhas e estratégias (*deciding*); e, estabelecer objetivos de curto prazo, dar os primeiros passos e acompanhar as ações (*acting*) (Lindgren & Bandhold, 2009, p. 39).

A figura ilustra os passos:

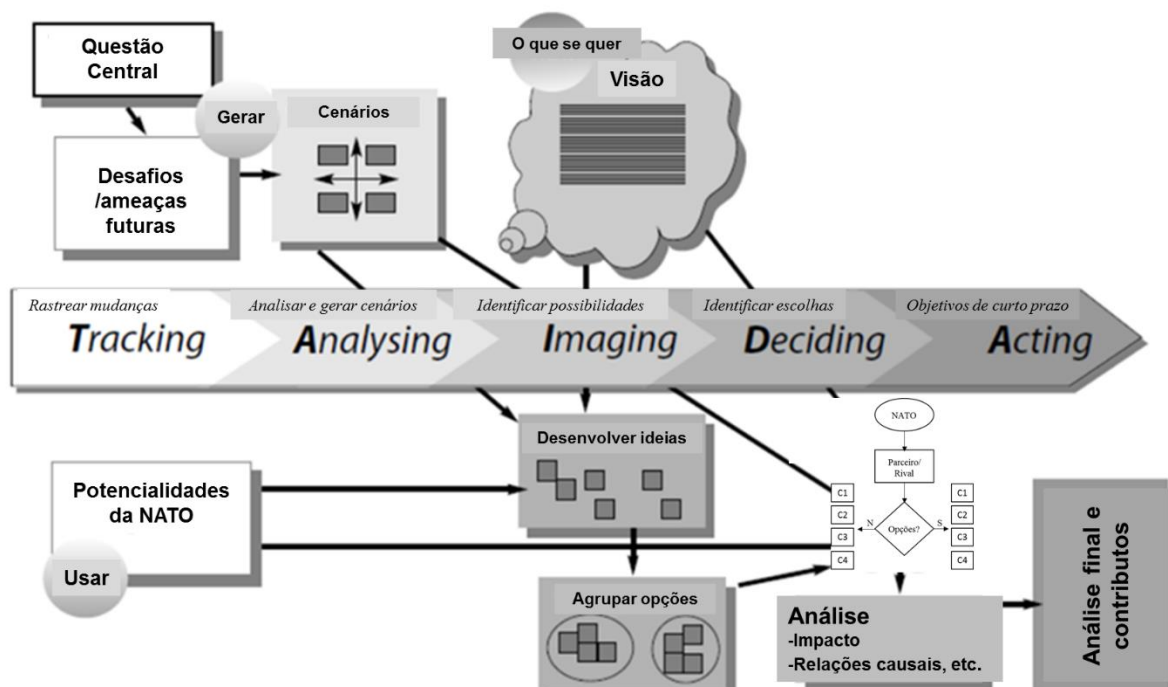
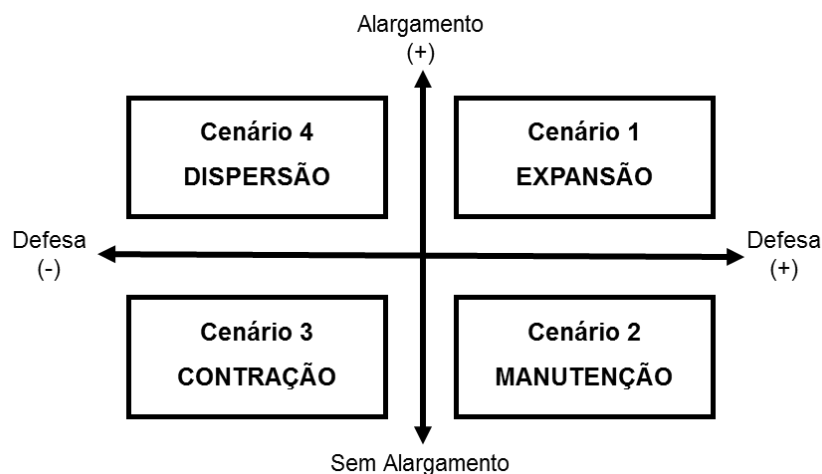


Figura 17 – Panorâmica do Processo TAIDA

Fonte: Adaptado de Lindgren e Bandhold (2009, p. 100).

Observando as tendências futuras da NATO, e assinalando os dois eixos com as incertezas relacionadas com a Defesa e o Alargamento, elaboram-se os cenários futuros para a NATO, conforme a figura seguinte:



**Figura 18 – Quatro cenários do futuro da NATO**  
Fonte: Adaptado de Lindgren e Bandhold (2009, pp. 71-73).

Os principais desafios e/ou ameaças foram identificados no Relatório 2030. Constan da tabela seguinte:

**Tabela 14 – Desafios da NATO 2030**

	Desafio
1	Rússia
2	China
3	Terrorismo
4	O Sul
5	Controlo de Armamentos e Dissuasão Nuclear
6	Ameaças Híbridas e Cibernéticas
7	Espaço

Fonte: Adaptado de NATO (2020f).



## Apêndice D – Dados militares

Quadro 5 – Dados dos países da NATO e UE (1/2)

	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)
Dados 2020	PIB (\$kM)	Pop (M)	Efetivo (k)	Ef/Pop (%)	Def (\$kM)	% def	2% Def	Invest.
Albânia	14,00	3,07	8,00	0,26%	0,22	1,54%	0,28	0,07
Alemanha	3.780,00	80,16	183,50	0,23%	58,90	1,56%	75,60	16,70
Bélgica	503,00	11,72	25,00	0,21%	5,44	1,08%	10,06	4,62
Bulgária	67,90	6,97	36,95	0,53%	1,25	1,84%	1,36	0,11
Canadá	1.600,00	37,69	67,40	0,18%	22,90	1,43%	32,00	9,10
Croácia	56,80	4,23	15,20	0,36%	1,06	1,87%	1,14	0,08
Dinamarca	340,00	5,87	15,40	0,26%	4,94	1,45%	6,80	1,86
Eslováquia	102,00	5,44	15,85	0,29%	1,84	1,80%	2,04	0,20
Eslovénia	51,80	2,10	6,95	0,33%	0,50	0,97%	1,04	0,54
Espanha	1.250,00	50,02	122,85	0,25%	14,80	1,18%	25,00	10,20
Estados Unidos	20.800,00	332,64	1.388,10	0,42%	785,00	3,77%	416,00	0,00
Estónia	30,50	1,23	7,10	0,58%	0,70	2,30%	0,61	0,00
França	2.550,00	67,85	203,25	0,30%	52,80	2,07%	51,00	0,00
Grécia	194,00	10,61	142,70	1,35%	5,03	2,59%	3,88	0,00
Holanda	886,00	17,28	33,60	0,19%	12,70	1,43%	17,72	5,02
Hungria	150,00	9,77	27,80	0,28%	1,95	1,30%	3,00	1,05
Islândia	20,80	0,35	0,00	0,00%	0,00	0,00%	0,42	0,42
Itália	1.850,00	62,40	165,50	0,27%	26,10	1,41%	37,00	10,90
Letónia	33,00	1,88	6,25	0,33%	0,76	2,30%	0,66	0,00
Lituânia	55,10	2,73	22,00	0,81%	1,17	2,12%	1,10	0,00
Luxemburgo	68,60	0,63	0,41	0,07%	0,44	0,65%	1,37	0,93
Macedónia do Norte	12,50	2,13	8,00	0,38%	0,19	1,50%	0,25	0,06
Montenegro	4,94	0,61	2,35	0,39%	0,07	1,50%	0,10	0,02
Noruega	366,00	5,47	23,35	0,43%	7,13	1,95%	7,32	0,19
Polónia	581,00	38,28	114,05	0,30%	12,70	2,19%	11,62	0,00
Portugal	222,00	10,30	27,25	0,26%	3,65	1,64%	4,44	0,79
República Checa	242,00	10,70	24,90	0,23%	3,28	1,36%	4,84	1,56
Reino Unido	2.640,00	65,76	148,50	0,23%	62,00	2,35%	52,80	0,00
Roménia	249,00	21,30	68,50	0,32%	5,75	2,31%	4,98	0,00
Turquia	649,00	82,02	355,20	0,43%	12,90	1,99%	12,98	0,08
Áustria	433,00	8,86	22,05	0,25%	3,47	0,80%	-	-
Chipre	23,20	1,27	15,00	1,18%	0,41	1,75%	-	-
Finlândia	268,00	5,57	23,80	0,43%	4,11	1,53%	-	-
Irlanda	399,00	5,18	8,75	0,17%	1,19	0,30%	-	-
Malta	14,30	0,46	1,70	0,37%	0,08	0,57%	-	-
Suécia	529,00	10,20	14,60	0,14%	7,05	1,33%	-	-

**Legenda:** (1) PIB; (2) População (milhões de habitantes); (3) Efetivo militar ativo (milhares); (4) Efetivo relativo à população; (5) Despesa na defesa (milhares de milhões \$); (6) Despesa na defesa relativo ao PIB; (7) Despesa na defesa de 2% (milhares de milhões \$); (8) Investimento em falta para os 2%=2% Despesa defesa-Despesa defesa real (milhares de milhões \$) Nota: O país que tem despesa real>2% não tem investimento.

Fonte: Cálculos efetuados a partir de IISS (2021).



Quadro 6 – Dados dos países da NATO e UE (2/2)

Dados 2020	(3) Efetivo (k)	(9) Bn	(10) CC	(11) Nav	(12) NA	(13) Aviões	(14) PAv	(15) Sub	(16) NATO (k)	(17) %EM	(18) UE (k)	(19) %EM	(20) NU (k)	(21) %EM
Albânia	8,00		0						0,15	1,9%	0,01	0,1%		0,0%
Alemanha	183,50	12	245	10		228		6	1,90	1,0%	0,05	0,0%	0,49	0,3%
Bélgica	25,00	3	0	2		54			0,09	0,4%	0,02	0,1%	0,04	0,2%
Bulgária	36,95	8	90	3		15			0,18	0,5%	0,02	0,0%		0,0%
Canadá	67,40	6	82	12		82		4	0,92	1,4%	0,00	0,0%	0,03	0,0%
Croácia	15,20	5	75			11			0,19	1,3%	0,00	0,0%	0,02	0,1%
Dinamarca	15,40	3	44	2		44			0,38	2,5%	0,00	0,0%	0,02	0,1%
Eslováquia	15,85	5	30			9			0,21	1,4%	0,06	0,4%	0,24	1,5%
Eslovénia	6,95	3	14						0,28	4,0%	0,02	0,3%	0,01	0,1%
Espanha	122,85	7	327	11	3	185		2	0,54	0,4%	0,27	0,2%	0,63	0,5%
Estados Unidos	1.388,10	<i>nc</i>	2509	113	32	<i>nc</i>	11	68	5,33	0,4%	0,00	0,0%	0,02	0,0%
Estónia	7,10	3	0						0,05	0,7%	0,01	0,1%	0,01	0,1%
França	203,25	11	222	18	3	227	1	8	0,28	0,1%	0,05	0,0%	0,69	0,3%
Grécia	142,70	24	1228	13		230		11	0,12	0,1%	0,01	0,0%	0,15	0,1%
Holanda	33,60	4	0	6	2	73		4	0,43	1,3%	0,00	0,0%	0,02	0,1%
Hungria	27,80	5	48			14			0,49	1,7%	0,07	0,2%	0,02	0,1%
Islândia	0,00	0	0	0		0	0	0	0,00	0,0%	0,00	0,0%	0,00	0,0%
Itália	165,50	13	200	16	3	213	2	8	1,67	1,0%	0,16	0,1%	1,08	0,7%
Letónia	6,25	2	0						0,02	0,4%	0,00	0,0%	0,00	0,0%
Lituânia	22,00	4	0						0,04	0,2%	0,00	0,0%	0,04	0,2%
Luxemburgo	0,41		0						0,01	1,5%	0,00	0,5%	0,00	0,5%
Macedónia do Norte	8,00	4	31						0,04	0,5%	0,01	0,2%	0,00	0,0%
Montenegro	2,35		0						0,04	1,6%		0,0%	0,00	0,0%
Noruega	23,35	2	36	6		63		4	0,17	0,7%		0,0%	0,04	0,2%
Polónia	114,05	20	808	2		94		3	1,05	0,9%	0,04	0,0%	0,23	0,2%
Portugal	27,25	3	37	5		30		2	0,19	0,7%	0,06	0,2%	0,25	0,9%
República Checa	24,90	4	30			14			0,20	0,8%	0,12	0,5%	0,01	0,0%
Reino Unido	148,50	11	227	19	3	162	2	11	1,84	1,2%	0,01	0,0%	0,02	0,0%
Roménia	68,50	10	377	3		40			0,85	1,2%	0,07	0,1%	0,14	0,2%
Turquia	355,20	54	2378	16	5	306		12	0,94	0,3%	0,21	0,1%	0,09	0,0%
Áustria	22,05	4	56			27			0,33	1,5%	0,31	1,4%	0,20	0,9%
Chipre	15,00	7	134							0,0%	0,00	0,0%	0,00	0,0%
Finlândia	23,80	4	100			62			0,09	0,4%	0,02	0,1%	0,22	0,9%
Irlanda	8,75	2	0						0,01	0,1%	0,03	0,3%	0,50	5,7%
Malta	1,70		0							0,0%		0,0%	0,01	0,6%
Suécia	14,60	7	120			96		5	0,02	0,1%	0,02	0,2%	0,12	0,8%

**Legenda:** (3) Efetivo militar ativo (milhares); (9) Batalhões de Infantaria Mecanizados; (10) Carros de Combate; (11) Fragatas e *Destroyers*; (12) Navios de assalto anfíbio; (13) Aviões de combate; (14) Porta-aviões; (15) Submarinos; (16) Efetivo em operações NATO (milhares); (17) Efetivo de (16) relativo ao efetivo militar total (milhares); (18) Efetivo em operações UE (milhares); (19) Efetivo de (18) relativo ao efetivo militar total (milhares); (20) Efetivo em operações NU (milhares); (21) Efetivo de (20) relativo ao efetivo militar total (milhares). Foram considerados os 30 países da NATO, os 27 países da UE. Os restantes cinco países do quadro estão para efeitos de comparação. *nc* – não calculado.

Fonte: Cálculos efetuados a partir de IISS (2021).



**Apêndice E – Análise das entrevistas**

**Quadro 7 – Unidade de contexto**

Q	E	Unidade de Contexto	Unidade de Registo
1	1	Manter o <i>NATO-Russia Council</i> ativo. Na área dos exercícios é ter observadores. Há dois domínios que são fundamentais para a cooperação com os russos, o Espaço e o ciberespaço. Além do diálogo com os russos é preciso manter a perceção que nós estamos atentos e somos capazes de reagir.	1.1 1.2 1.3 1.7
	2	(...) controlo de armamentos, com todo o sistema de Não Proliferação, as chamadas medidas de <i>Confidence Building</i> sobre o patrocínio da OSCE, que é nisso que se tem de apostar. (...) A Rússia não tem capacidade económica para ter uma política expansionista.	1.1 1.3 1.4
	3	A Rússia hoje é um <i>key player</i> no Médio Oriente, (...) e não era. O ciberespaço é um bem comum da Humanidade. (...) como se pode regular o ciberespaço se o Google ou quejandos não estiverem também neste exercício. [CFE] coloca em campos opostos a França e a Polónia, Portugal e a República Checa por que é um tratado datado do tempo NATO-Pacto de Varsóvia. É uma peça de museu. O Ártico é uma enorme caixinha de bombas-relógio. Não é legítimo dar essas questões [Geórgia e Ucrânia] como encerradas. Ciberespaço, ambiente e proliferação de armas de destruição maciça não dispensam a participação da Rússia. (...) a Aliança Atlântica desde o início do mandato da Administração Trump até ao fim, viveu em orfandade política e estratégica e, portanto, não havia orientação. A Rússia tem recursos energéticos fantásticos [e] tem 6.500 ogivas nucleares estratégicas.	1.1 1.3 1.5 1.7
	4	Quem iniciou o processo de saída foi a Rússia ao criar mísseis que estavam proibidos. [Em 2014] havia duas bases da NATO a leste (...) uma na Polónia e outra na Noruega. (...) envolve novos mísseis que foram testados pelos russos no Ártico. A China participou com 35.000 Homens nos Exercícios “Vostok” com a Rússia.	1.3 1.4 1.5 1.6
	5	(...) resposta da NATO às ações russas deve ser cuidadosamente ponderada para evitar desencadear um dilema de segurança (...). (...) mantendo uma paridade nuclear ajuda na estabilidade.	1.3
	6	(...) que sejam melhorados os canais de contacto a nível militar (...). (...) há vários acordos internacionais que mereceriam ser revisitados, o acordo CFE sobre forças convencionais na Europa completamente desajustado e é um acordo que cria confiança. (...) a Ucrânia não é um membro da NATO, a Geórgia também não é membro da NATO, e quem tem um papel aí a desempenhar é a OSCE (...).	1.1 1.3 1.5 1.6 1.7
	7	[Resposta à Rússia] não tem sido demasiado exagerada, nem tem sido demasiado diminuída. Eu acho que está equilibrada a resposta. A NATO não pode dar como fato consumado a ocupação da Crimeia e as ações que são feitas pela Rússia na Ucrânia, por um lado. Por outro lado, a NATO não ganha nada em fechar completamente as portas ao diálogo com a Rússia.	1.1 1.7



	8	A Rússia neste momento além de fornecer à Europa muito gás natural através do <i>Stream 1</i> , o principal comprador de gás natural e de petróleo é a China e vai continuar a ser nos próximos 20 anos (...). (...) a Ucrânia vai continuar a ser um estado tampão entre a NATO e a Rússia, e a Geórgia vai ser a mesma coisa. (...) financiaram a construção de oleodutos e de gasodutos na Rússia, em troca tendo contratos de fornecimento de petróleo e gás natural até 20 anos, ou seja, até 2040 (...).	1.1 1.3 1.5 1.6 1.7
	9	Nós temos uma capacidade de dissuasão clássica ao nível da NATO. Não temos uma capacidade de dissuasão ao nível daquilo que hoje é fundamental, que é o das ameaças híbridas. (...) cenário duplo, por um lado contenção e dissuasão garantida, e por outro lado abertura à consideração dos interesses legítimos da Rússia, os interesses legítimos da Rússia são antes de mais a sua sobrevivência.	1.1 1.6 1.7
	10	Não se vê que toda esta postura se altere de defensiva em ofensiva, o que provocaria o fim da Carta do Atlântico, mas parece evidente que muitas das medidas referidas deixaram de ser meramente reativas para se tornarem antecipatórias e dissuasórias.	1.1
	11	A NATO tem uma abordagem dupla à Rússia: dissuasão e defesa e diálogo significativo.	1.1
2	1	Temos de arranjar um fórum de diálogo com eles. A NATO não é para falar de direitos humanos, isso é para as Nações Unidas. Eu acho que é fundamental ter uma organização tipo NATO- <i>China Council</i> para os sentar à mesa e para os perceber. Não há nenhum tratado que limite as armas hipersónicas. Os tratados são sempre bilaterais só com os russos. [ciberespaço] a falta de controlo e de regulamentação internacional é tão grande que tem de se encontrar uma solução, pode passar por criar uma agência internacional.	2.2 2.4
	2	Os chineses não têm bases militares próximo dos Estados Unidos (...). A China não é uma ameaça para a Europa [...] é um parceiro e um competidor (...) a competição tem de ser com regras e o grande objetivo que tem de ser discutido é definir as regras dessa competição. Esta Europa tem de cooperar com a China [...] os termos dessa cooperação é que vai ser o grande desafio da NATO (...).	2.1
	3	Não há nenhum país, nenhuma potência no mundo, que se aproxime da China no número de patentes anualmente registado. (...) China estar crescentemente a modernizar e investir no seu arsenal nuclear estratégico.	2.2
	5	Muitos estados membros estão empenhados numa relação comercial com a china, contribuindo para a “saúde” das suas economias.	2.2
	6	(...) ciberdefesa [...] e Espaço, (...) tem a ver com a China. (...) dentro do futuro Conceito Estratégico da NATO, onde terá de haver uma referência à China, transformar isso em missões NATO, na região da Ásia Pacífico, parece que é um passo muito maior que a perna.	2.2
	7	(...) o core business da NATO continua a ser o espaço Euro-Atlântico. [NATO] não permitirá que exista abuso de autoridade, ou hegemónias regionais na região do Indo-Pacífico causadas pela China, e esse é no fundo o desafio maior, e por outro lado, há uma atitude protetiva de dizer que no espaço Euro-Atlântico vamos garantir que não há grandes intromissões. Se estamos a competir nos mesmos espaços, tem de haver cooperação e ao mesmo tempo competição.	2.2
	8	(...) para se focalizarem completamente nesta dimensão oceânica, eles [China] têm de ter o <i>backyard</i> , as traseiras, completamente seguras, e as traseiras são feitas pela Rússia. (...) este alinhamento entre os dois [Rússia e China] é um jogo geopolítico muito bem consolidado e nos próximos dez anos tem tudo para continuar. A única forma é manter os Estados Unidos empenhados ou desgastando-os em duas frentes, a frente europeia e a frente asiática.	2.1 2.2 2.3



	Quando a rota do Ártico estiver desimpedida a 50%, a China quer estar pronta para a usar e aí conta, mais uma vez, com o beneplácito da Rússia. [China] eles só entram na mesa de negociações se a Rússia e os Estados Unidos desarmarem até ao nível dos chineses, em termos de armas nucleares, para depois entrarem em negociações.	
	9 (...) a maior descoberta da Queda do Muro de Berlim na Eurásia foi o milagre ecológico dos recursos na Ásia Central (...) Era necessário um entendimento com a Rússia. A transição de poder é o que acontece quando o poder emergente e ascensional compete com o poder estabelecido. É um momento muito crítico da história [faz a ponte com o livro de Graham Allison “ <i>Destined For War: Can America and China Avoid Thucydides Trap?</i> ”].	2.2
	11 (...) a China aproximar-se do Atlântico Norte do Ártico para o espaço cibernético (...). (...) a NATO precisa de uma abordagem mais global. Não se trata de uma presença global, mas de uma abordagem global.	2.2
3	1 [Trump] não retirou as forças, retirou as forças da Alemanha ou parte delas, mas colocou-as na Polónia. Havia duas organizações internacionais semelhantes à NATO, uma para a zona do Índico, a <i>Central Treaty Organization</i> (CENTO), e outra com os australianos que era a <i>Southeast Asia Treaty Organization</i> (SEATO). Acabaram. Isto é um aviso quando os americanos perdem o interesse.	3.1 3.2 3.4
	3 [Estratégia Nacional Americana de dezembro de 2017] é dito que aliados e parceiros só se reforçarem o poder dos Estados Unidos, é uma maneira muito interessante e singular de olhar para aliados e parceiros [Zigniew Brzezinski] disse que os Estados aliados e parceiros, incluindo os Aliados da NATO eram Estados vassalos. Os Estados Unidos, por exemplo, partilharam sempre mais com Israel do que com qualquer aliado europeu.	3.1 3.2 3.4
	4 Já no início dos anos 90 os EUA faziam <i>lobbying</i> através dos britânicos para se aumentar a despesa com a defesa.	3.1
	5 As despesas de defesa americanas são muito maiores do que qualquer outro Estado-Membro, mas isso tem em conta os gastos com forças e questões fora da zona Euro-Atlântica. O papel americano é como líder de facto, mas grande parte desta posição de liderança deve-se à promessa de forças quando a situação o justifica.	3.1 3.2
	6 2% são uma meta um pouco artificial. Os europeus enquanto europeus tem de ter maior capacidade para contribuir para operações na NATO, para apoiar a estrutura militar da NATO, e quer fazendo como países membros da NATO quer fazendo através da União Europeia (...). (...) autonomia estratégica também de passar numa menor dependência em relação à China como grande fornecedor do mercado europeu.	3.1
	7 (...) a relação Euro-Atlântica reforçou-se, sim. A relação Euro-Atlântica ganhou alguma centralidade, sim. A relação Euro-Atlântica garante que os Estados Unidos vão apoiar mais a Europa relativamente a coisas que a preocupam no seu <i>core business</i> , não.	3.1
	8 (...) tem de haver uma capacidade de resiliência mínima e, independentemente de os produtos trazerem ou não valor acrescentado, é importante ter essa capacidade de sustentação.	3.1 3.3 3.4
	9 Para nós [Aliados europeus] só há duas saídas para que tenhamos uma parceria de valores e de interesses, é que seja mesmo de interesses, e os interesses na área de defesa é que a NATO assuma mais responsabilidade pela sua segurança de uma maneira mais equilibrada, e que a NATO assuma mais esforço e equilíbrio de zonas que já não são tão importantes para os Estados Unidos porque eles se vão preocupar com o Extremo Oriente e com a China. Os Estados Unidos demográfico de hoje não têm nada a ver com os Estados Unidos demográfico da altura em que a NATO surgiu, que é que os latino-americanos acham sobre a Europa, eles nem sabe onde é (...).	3.1 3.2 3.3 3.4
	10 O problema da discussão sobre a divisão do peso financeiro entre EUA e parceiros existe desde a fundação da Aliança (...). [EUA] convite a uma maior participação financeira, mas não admissão da autonomização, por exemplo, de uma “NATO tipo europeia” dotada de	3.1 3.4



		todas as capacidades estratégicas que os EUA hoje lhe trazem, incluindo o transporte, a projeção, a perceção global por satélite e a redundância nuclear.	
4	1	Os turcos são fundamentais. São o segundo exército europeu a seguir aos britânicos, com capacidades e número de homens, e a combater.	4.2
	2	A Turquia vai seguir o seu caminho [não] ser europeia. O Islão político é uma realidade. (...) a NATO pode fazer pouco e a União Europeia pode fazer muito mais que a NATO.	4.2 4.3
	3	A Turquia começou por ser tudo menos um aliado fiel e previsível, passou a ser perturbador e hoje está quase no lado oposto. A NATO é uma aliança política entre Estados soberanos que tem como principal expressão, a expressão militar (...) Se é política, está ligada a valores, a princípios e critérios (...) um <i>set</i> desses valores princípios e critérios é o <i>set</i> democrático. [compra dos sistemas S400 à Rússia] em defesa aérea, o que é que a Turquia fez com isso, quebrou a consistência da defesa aérea da NATO.	4.2
	4	A Rússia tem uma base em Chipre (...) inédito.	4.2
	6	(...) Turquia fez no norte da Síria, ocupando território sírio através daquela operação que lançaram, isso podia pôr em causa o artigo quinto, e, portanto, um país aliado não pode desencadear uma operação militar daquela envergadura sem um processo de consultas anterior e sem coordenar com os seus aliados, senão não estamos numa aliança (...). (...) é muito difícil para a União Europeia admitir como estado membro um país que não reconhece a integridade doutro estado membro da União Europeia.	4.2
	9	A União Europeia tem 500 milhões de pessoas. Lá fora tem cinco mil pessoas das quais duas mil são civis. (...) envolvimento corresponde a 0,00% do potencial humano da União Europeia. [UE] garantir à Turquia o mesmo tipo de tratamento que teria um país europeu sem que a Turquia afetasse a capacidade de decisão.	4.2
	10	(...) a Turquia é membro da NATO desde 1952 (...) um dos maiores exércitos da Aliança, apetrechado com uma crescente contribuição de indústria militar própria de última geração. (...) Ancara é um elemento-chave no equilíbrio estratégico no Médio Oriente, e uma das suas superpotências regionais, ao lado do Egipto, Irão, Israel e Arábia Saudita. (...) com Ancara a ter uma política autónoma de distensão com a Rússia e o Irão, às vezes alternada com momentos de desconfiança e enfrentamento, sobretudo por causa da Síria.	4.1 4.2
	11	A interoperabilidade é a aptidão de agir em conjunto de forma coerente, eficaz e eficiente para atingir os objetivos dos Aliados.	4.2
5	1	(...) deixamos de ser interoperáveis e deixamos de ser úteis para eles. Usam o Chipre por causa da zona económica e da área de exploração para a extensão das suas fronteiras (...).	5.2 5.4
	2	[Norte de África] a NATO pode fazer pouco e a União Europeia pode, por exemplo, conceder financiamento a determinados dirigentes e procurar desenvolver projetos de desenvolvimento económico. (...) não é pelos países virem para a Europa que se tornam politicamente estáveis e que automaticamente as suas divergências étnicas, por exemplo, desaparecem. (...) a Europa devia primeiro reforçar e aprofundar a cooperação que já tem e para depois pensar em alargamento, porque se estás a alargar sem aprofundar, é meter mais gente no processo de decisão.	5.1 5.2
	3	(...) na assunção pelos europeus de maiores responsabilidades de segurança (...). Aliados europeus, Canadá também, façam o favor de abrir os cordões à bolsa (...).	5.1 5.2 5.3 5.4



	5	(...) diria que as duas organizações devem manter uma divisão em que os membros da NATO lidam com a defesa coletiva dos estados membros e os membros da UE lidam com a segurança coletiva dos estados membros.	5.2
	6	(...) os acordos de Berlim Mais [Berlin Plus] já estão desajustados em relação à realidade. Quando fazemos o planeamento de defesa da NATO ser ajustado aos ciclos de planeamento de defesa da União Europeia (...).	5.1 5.2 5.4
	7	[Turquia] que muitas vezes acabam por bloquear iniciativas desta cooperação alargada entre a NATO e a União Europeia.	5.1 5.2
	8	(...) e para o contrabalançar é demonstrar que temos uma frente unida e dizer assim, o investimento e o que nós compramos é a empresas europeias e norte-americanas, ponto número um. Ponto número dois, é condicionar seriamente o investimento chinês em áreas tecnológicas de países europeus (...). (...) no 5G estão [China] em paridade, neste momento, a Ericsson, a Nokia e a Siemens estão em paridade com a Huawei e com a ZTE. Agora em termos de inteligência artificial os chineses estão aí com um avanço (...) de investigação de meia década.	5.1 5.3
	9	(...) fez um neocolonialismo na Europa. Chegou à Europa, rachou a Europa ao meio e fez uma ligação à China com os países que tinham estado na órbita soviética, prometendo-lhes grandes investimentos sem se ter falado na Rota da Seda. Está a ver todos esses países, os 16. O último choque foi que convidou a Grécia e a Grécia entrou. Foi nessa altura que a União Europeia disse que era um rival sistémico, e acusou a China de ser um rival sistémico da Europa. O maior desafio que se tem em relação à Rússia nesta altura é o desafio de desagregação interna da União Europeia e de desagregação do laço transatlântico. A dissuasão clássica funciona (...) onde é que não tem funcionado? Na dissuasão às ameaças híbridas. Quem tem a chave para essa parte? É a União Europeia. Qual é a peça para essa chave? É política, diplomática, económica, financeira e social. A resposta a uma agressão híbrida implica não só uma componente militar, mas muitas outras componentes.	5.1 5.2 5.3 5.4
	11	A cooperação entre a UE e a NATO está mais forte do que nunca [...] Trabalhamos em conjunto no Combate às Ameaças Híbridas, Cooperação Operacional, incluindo as Questões Marítimas e as Migrações, Cibersegurança e Defesa, Capacidades de Defesa, Indústria de Defesa e Investigação, Exercícios, Levantamento da Capacidade de Defesa e Segurança, e através dos Centros de Excelência.	5.1
	3	[União Europeia] tem não só tradição como condições para desenvolver políticas muito importantes do melhor conhecimento da região e de cooperação com os países da área (...). (...) a NATO não tem dimensão política, nem diplomática, o que torna o exercício muito difícil, e, portanto, têm de ser projetos militares, coisas simples, singelas, do tipo Proteção Civil, Defesa Aérea, e com este, aquele outro país (...). (...) nunca associando países que têm entre si grandes tensões.	6.1 6.2 6.3
	4	(...) a União Africana (UA), de que agora Marrocos faz parte (...) é um clone da EU, mas com muitas mais limitações.	6.2
6	6	(...) Parceria para o Mediterrâneo que, foi muito prejudicada pelos acontecimentos na Líbia. A NATO não tem meios próprios de <i>intelligence</i> . Os únicos meios próprios de <i>intelligence</i> que a NATO tem são os aviões AWACS, tudo o resto é informações que são recebidas e partilhadas pelos estados membros. (...) o Sul que tem ameaças que são mais difusas, são mais híbridas e, portanto, requerem outro tipo de resposta que não pura e simplesmente ter planos de defesa e meter lá brigadas a ocupar o terreno.	6.1 6.3
	7	(...) se a NATO for mais uma organização que vá para o terreno e começar a tirar protagonismo e começar a baralhar os dados no terreno, pode não ajudar.	6.1 6.2



		A NATO não pode ser vista como um pólcia do mundo. No entanto, a NATO também não se pode esquecer que é de fato a única aliança do mundo que tem um poder efetivo em qualquer ponto do globo.	
7	1	A NATO é uma organização regional, mas as preocupações são globais e a nossa segurança hoje não é só aqui no Atlântico. Quem é que se vai afirmar no Índico, Rota da Seda para os chineses e bases navais para os americanos. A Índia é o acesso ao controlo do Índico e tudo indica que vai haver grande disputa geopolítica para o controlo da água. Um dos grandes recursos que nunca se fala, as maiores reservas no Evereste e o controlo da água que representa 25% água potável.	7.1 7.2 7.3
	2	(...) se aparece a Índia, também importa a Cooperação de Xangai e a própria rota da seda. (...) tivemos a NATO 1.0, com a Guerra Fria; depois a NATO 2.0 com o <i>out of area</i> e os balcãs; então surge uma terceira NATO que é a NATO do Afeganistão; e agora uma NATO 4.0 que volta à Rússia (...) e chegamos a uma NATO 5.0, que se distancia do Tratado de Washington?	7.1 7.4
	3	Eu não sei bem o que é que a NATO tem para oferecer à Índia. (...) a NATO não pode correr o risco de criar uma situação em que o Paquistão se sinta excluído pelo Ocidente.	7.1 7.2 7.5 7.6
	4	A Índia tem praticamente a mesma dimensão geográfica e demográfica que a China.	7.1
	5	(...) o facto de muitos Estados-Membros da NATO serem signatários do armistício da Guerra da Coreia. (...) envolvimento formal da NATO em compromissos fora da área a uma distância significativa de muitos Estados-Membros.	7.2
	6	Países da NATO individualmente fazerem é uma coisa [exercícios militares], agora a NATO acrescentar isso à sua missão não estou a ver nem acho que isso servisse os interesses da NATO. [Austrália e Nova Zelândia] só não são países membros da NATO por causa da sua posição geográfica. Se eles não estivessem naquela parte do mundo, certamente seriam membros da NATO.	7.1 7.6
	7	A NATO não se pode alhear duma região que está em disputa e onde estão alguns dos seus desafios globais. (...) a China e a Índia têm de ser tratadas como iguais.	7.1
	8	Os chineses estão no Djibouti, como estão os franceses, os ingleses, os norte-americanos (...) Aquela é uma zona charneira dos recursos energéticos do Golfo Pérsico, e o Golfo Pérsico é a zona crítica para a China em termos de importação do petróleo. [China] cerca de 60 por cento das importações de petróleo e gás natural, neste momento, vêm do Médio Oriente e depois cerca de 30 por cento, vêm da Rússia (...). (...) o Estreito de Taiwan é uma <i>no go zone</i> para a marinha norte-americana (...). A questão de Taiwan tem implicações para a NATO (...). Vai obrigar os Estados Unidos a intervir, porque se não o fizerem perdem toda e qualquer credibilidade perante os seus aliados e os seus parceiros (...) vai fazer com que muitos dos meios que atualmente estão na Europa, vão ter de ser redirecionados para o teatro de operações do Pacífico.	7.1 7.4 7.5
	9	(...) com a Rússia e com o seu apoio, a China pôde resolver todos os problemas de fronteiras, que se criou a Organização de Cooperação de Xangai, uma organização em que o Ocidente não foi autorizado a entrar, nem como observador e os Estados Unidos pediram para lá estar (...) A Rota da Seda é o resultado disso. (...) no estreito de Formosa, que um ligeiro descuido pode levar digamos ao início de uma confrontação grave. Este do meu ponto de vista é o desafio do século. A Índia deve ser um dos parceiros globais da NATO, uma entidade com quem a se fala ou articula questões estratégicas no Índico.	7.1 7.3 7.5 7.6
8	1	(...) eu acho que as preocupações da NATO têm de passar forçosamente pela Ásia Central, por Nursultan [antiga Astana] (...).	



	Aposto sobretudo no Norte, Finlândia e Suécia.	
2	Os brasileiros não querem aí os americanos [Atlântico Sul].	
3	O Brasil está um pouco como a Índia (...) muito virado para as suas preocupações de interioridade e pouco ou nada virado para quaisquer pretensões no exterior, exceto se isso for na sua área regional.	
6	Há uma outra parceria que não falamos, mas que também, é uma parceria que não é óbvia, que é a parceria com Israel. (...) assim como o diálogo de segurança com o Egito (...).	
7	[NATO] continuar a ser a única aliança do mundo que trabalha por unanimidade e decide por veto, com igualdade de voto e de veto pelos 30 membros que a compõem, que tem um órgão político na sua direção [NAC] onde está representado o nível político dessa mesma Aliança, e que tem efetiva capacidade de ter recursos próprios, para poder responder a ameaças, que sejam feitos em termos de defesa coletiva, e a defesa coletiva é o <i>core business</i> e não a segurança cooperativa.	
8	(...) a questão cibernética não conhece distâncias, e isso vai entroncar na China. (...) os chineses estão a fazer em Taiwan, é o laboratório de testes de ataques cibernéticos (...). A defesa das infraestruturas críticas dos Estados membros é absolutamente fundamental.	
9	Há países que não pertencem à NATO como a Suécia, mas estão praticamente integrados. Nós temos 17 modelos de carros de combate na Europa, os americanos têm um. (...) gastamos (...) mais do que a China na defesa e mais do que a Rússia. (...) é importante que aquele nível de discussão da geopolítica e da economia se instale na NATO (...)	

Q - questão; E - entrevistado.

Quadro 8 – Unidade de registo

Unidades de Registo	Entrevistados											Unidades de Enumeração	Resultados (%)	
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11			
Questão nº1														
1.1 Abordagem de dupla via ( <i>dual track</i> ) com a Rússia	X	X	X		X	X	X	X	X	X	X		9	82%
1.2 Prioridade ao <i>NATO-Russia Council</i>	X												1	9%
1.3 Controlo de armamentos e transparência militar	X	X	X	X	X	X		X					7	64%
1.4 Concentração de meios na região leste/sul		X		X									2	18%
1.5 Meios na região norte (Ártico)			X	X		X		X					4	36%
1.6 Cooperação Rússia-China				X		X		X	X				4	36%
1.7 Espaço e ciberespaço	X		X			X	X	X	X				6	55%
Conclusão da questão nº1: Garantir uma abordagem de dupla via (dissuasão com forças no terreno e diálogo para conciliar os interesses) com a Rússia. Manter e atualizar os acordos de controlo de armamentos (considerando os acordos bilaterais EUA-Rússia). O Espaço e o ciberespaço são áreas comuns de interesse para a NATO e a Rússia, e com desafios no âmbito da ciberdefesa.														
Questão nº2	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11			



2.1 Tecnologias emergentes da China	X		X					X				3	27%
2.2 <i>Belt and Road Initiative</i> (BRI) na Europa	X	X			X	X	X	X	X		X	8	73%
2.3 Fusão civil-militar da China		X						X				2	18%
Conclusão da questão nº2: A BRI tem como ponto de destino a Europa, constituindo fundamental na estratégia da China e influenciando o espaço Euro-Atlântico.													
Questão nº3	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11		
3.1 Esforço de investimento na defesa	X		X	X	X	X	X	X	X	X		9	82%
3.2 Empenhamento em Operações Militares	X		X		X				X			4	36%
3.3 Assegurar o fornecimento de energia								X	X			2	18%
3.4 EUA-Aliados Europeus (partilha de tecnologia)	X		X					X	X	X		5	46%
Conclusão da questão nº3: Os aliados europeus deverão aumentar o seu esforço de investimento na defesa. Deverá haver uma maior coordenação da participação em operações militares.													
Questão nº4	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11		
4.1 Combate ao terrorismo										X		1	9%
4.2 Interesses da Turquia	X	X	X	X		X			X	X	X	8	73%
4.3 UE no Mediterrâneo e África		X										1	9%
Conclusão da questão nº4: O flanco sul tem uma enorme influência da Turquia, cujas atividades nem sempre estão em consonância com os objetivos da NATO.													
Questão nº5	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11		
5.1 NATO-UE (Planeamento da defesa)		X	X			X	X	X	X		X	7	64%
5.2 NATO-UE (Coordenação de Operações Militares)	X	X	X		X	X	X		X			7	64%
5.3 Construir parcerias com o sector privado			X					X	X			3	27%
5.4 Adesão (Geórgia, Ucrânia, Bósnia, Finlândia e Suécia)	X		X			X			X			4	36%
Conclusão da questão nº5: Deverá ser encontrada uma forma de proceder à sincronização do planeamento estratégico da NATO com o planeamento estratégico da UE. Isto será refletido na coordenação para o envolvimento em operações militares.													
Questão nº6	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11		
6.1 Reforçar a parceria MD e ICI			X			X	X					3	27%
6.2 Reforço de parceria com a UA			X	X			X					3	27%



6.3 Parceria com Estados da bacia do Mediterrâneo			X			X						2	18%
Conclusão da questão nº6: Não existe uma confirmação com significado.													
Questão nº7	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11		
7.1 Parceria com a Índia	X	X	X	X		X	X	X	X			8	73%
7.2 Outras parcerias no Indo-Pacífico	X		X		X							3	27%
7.3 Parcerias na Ásia (OCX)	X	X							X			3	27%
7.4 Operações no Afeganistão		X						X				2	18%
7.5 NATO/EUA-China no Pacífico			X					X	X			3	27%
7.6 Aprofundar a cooperação NATO+4			X			X			X			3	27%
Conclusão da questão nº7: A NATO deverá considerar o diálogo com a Índia por forma a estreitar as relações NATO-Índia.													



## Apêndice F – Cronologia da NATO

Data	Evento
1949	Fundação da NATO em 3 de abril com 12 estados. É assinado o Tratado de Washington, também conhecido como Tratado do Atlântico Norte. Os estados fundadores são: Bélgica; Canadá; Dinamarca; Estados Unidos da América; França; Holanda; Itália; Islândia; Luxemburgo; Noruega; Portugal; e Reino Unido.
1952	Adesão da Grécia e da Turquia.
1960	Na década de 50, a Aliança confrontou a ameaça soviética e o receio de perder uma guerra numa série de crises.
1955	Adesão da República Federal da Alemanha.
1966	A França retira-se da Estrutura Militar da NATO.
1980	Na década de 70, os Aliados viram os EUA destituir um presidente, destruir os acordos de Bretton Woods e perder a Guerra do Vietname.
1982	Adesão da Espanha.
1987	Os EUA e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) assinam o <i>Intermediate-Range Nuclear Forces Treaty</i> (INF).
1990	A NATO e o Pacto de Varsóvia assinam o CFE. Na década de 80, os líderes da Alemanha, Reino Unido, Holanda, Bélgica e Itália tiveram de convencer as suas populações a aceitarem a instalação e potencial uso dos mísseis nucleares. Reunificação da Alemanha em 4 de outubro e Berlim deixa de ser uma cidade dividida.
1991	Tratado START (2010-2021) ( <i>Strategic Arms Reduction Treaty</i> ) para a redução e limite das armas nucleares ofensivas estratégicas, assinado pelos EUA e URSS.
1994	A NATO oferece aos antigos estados do Pacto de Varsóvia uma associação limitada com o Programa Parceria para a Paz ( <i>Partnership for Peace</i> (PfP)).
1995	Campanha contra a Bósnia com meios aéreos e terrestres e a Força de Implementação (IFOR).
1997	A IFOR é substituída pela Força de Estabilização (SFOR).
1999	Criado o <i>Membership Action Plan</i> (MAP). Adesão da República Checa, Hungria e Polónia. Início da campanha aérea da NATO contra o Kosovo.
2000	Na década de 90, os Aliados tiveram de gerir a dissolução da União Soviética, a guerra nos Balcãs, e os desafios da inclusão dos estados que saíram do jugo da União Soviética.
2001	Ataques do 11 de setembro contra os EUA. O Artigo 5.º é invocado.
2003	A NATO passa a controlar a <i>International Security Assistance Force</i> (ISAF) no Afeganistão: é a primeira grande operação fora da Europa. Em outubro é formada a Força de Reação Rápida para projeção em qualquer parte do mundo. Acordos “Berlim Mais” entre a NATO e a UE com vista à cooperação na gestão de crises.
2004	Adesão de sete nações: Bulgária; Eslováquia; Eslovénia; Estónia; Lituânia; Letónia; e Roménia. A União Europeia substitui a NATO na Bósnia.
2009	Adesão da Albânia e da Croácia.
2010	Aprovado o novo Conceito Estratégico da NATO baseado na <b>Defesa Coletiva</b> (Artigo 5.º), <b>Gestão de Crises e Segurança Cooperativa</b> . Na década anterior, A NATO lidou com o problema do terrorismo e com uma Rússia descontente procurando desestabilizar as democracias ocidentais.
2011	A NATO cria uma zona de interdição aérea para a Líbia.



- 2014 Conflito na Ucrânia. A Rússia ocupou a península da Crimeia.  
A NATO aprova o *Readiness Action Plan*, na Cimeira de Gales
- 2017 Adesão do Montenegro (a NATO passa a 29 membros).
- 2018 Cimeira de Bruxelas, onde a Aliança acorda a *NATO Readiness Initiative*.
- 2019 Os EUA retiram-se em agosto do INF.  
Cimeira de Londres que reconhece a China como um desafio para a NATO.
- 2020 Na última década, a Rússia desenvolveu ferramentas para subestimar as democracias dos Estados Ocidentais, a China comprou sub-repticiamente na Europa para os seus propósitos de informações, os EUA, imprudentemente, desafiaram a ordem liberal, assiste-se ao populismo existente dentro dos estados Aliados por causa da rápida inovação tecnológica e da deslocalização económica, ao terrorismo e à brutalidade nas áreas adjacentes à Aliança que criam migrações.  
Adesão da Macedónia do Norte (é o trigésimo membro).  
As parcerias são a Pfp, o *Mediterranean Dialogue* (MD), a *Istanbul Cooperation Initiative* (ICI) e os *Partners across the Globe* (PatG). A Pfp inclui os seguintes países: Arménia, Azerbaijão, Bielorrússia, Geórgia, Cazaquistão; Quirguistão, Moldávia, Rússia, Tajiquistão, Turquemenistão, Ucrânia, Usbequistão, Bósnia-Herzegovina, Sérvia, Áustria, Finlândia, Irlanda, Malta, Suécia e Suíça. O MD inclui: Argélia, Egito, Israel, Jordânia, Mauritânia, Marrocos e Tunísia. A ICI tem os países: Barém, Qatar, Kuwait e Emirados Árabes Unidos. Os PatG são: Afeganistão, Austrália, Iraque, Japão, Mongólia, Nova Zelândia, Paquistão e República da Coreia.  
Divulgação do relatório “NATO 2030: United for a New Era” onde se apresentam os desafios, as ameaças e recomendações para a próxima década.
- 2021 Renovação do START (*new START*).

---

Fonte: Adaptado de Keller (2017), NATO (2015c, pp. 16-17), Serronha (2010) e Schake e Pepe (2019, p. 4).